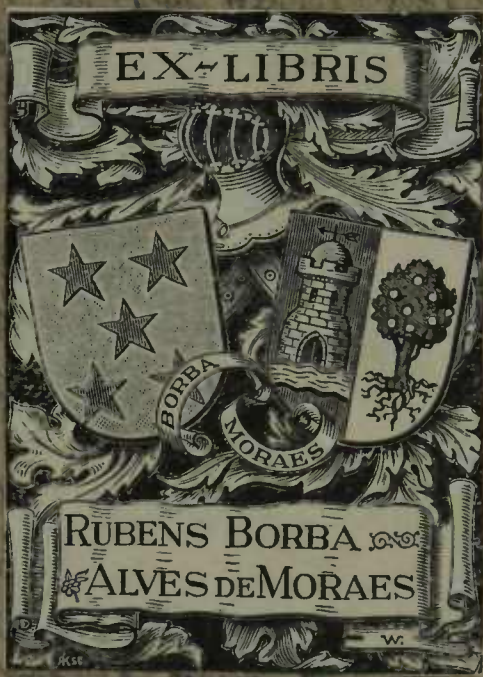




ação
Douração
odoro, 104
AS DORES





EX-LIBRIS



BORBA
MORAES

RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

RSE

W

José de Alencar

le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

AO IMPERADOR

NOVAS CARTAS POLITICAS

DE

ERASMO

PRIMEIRA CARTA

SENHOR

Não posso mais conter a vehemencia do sentimento que me assoberba.

Uma voz funesta, que abala a nação até as entranhas; voz preenhe de calamidades, percorre neste momento, não já a cidade mas o império.

E fostes vós, senhor, que a lançastes como um anathema ao paiz?

Em principio era um susurro apenas que se esgueirava na sombra. Agora já a opinião articulou distinctamente esse verbo de revolução; o echo repercutio no senado brasileiro.

Rompeu-se o véo.

Comtudo vacillo. Apesar da incomprehensivel coacção em que desgraçadamente vos collocastes, não se concebe este estranho desfallecimento da magestade.

Será real que vossos labios sellados sempre pela reserva e prudencia se abrirão para soltar a palavra fatal? É possivel que subita allucinação desvaire a tal ponto um espirito solido e recto?

Não creio, não posso, não devo crer.

Recebendo a nova incrível, a população ficou attonita. Voz nenhuma elevou-se até o throno para exprimir-lhe o justo e profundo ressentimento do povo brasileiro: o espanto lhe embargara a fallã. Porém que magnitude de eloquencia nessa privação da palavra! *Quanta magna est inania verba*, exclamou Cicero observando o tumultuoso estupor do povo romano.

Escutai, senhor, o intenso respiro da nação : escutae-o antes que venha o estertor.

Rara vez, e só em circumstancias muito especiaes, póde a abdicação tornar-se um acto de civismo admiravel. D. Pedro I., vosso augusto pae, logrou um lance d'estes, que o consagrou heroe da paz e da liberdade.

Sua missão estava concluida, havia fundado a monarchia brasileira, e creado um povo. A Providencia que o suscitára para a realisação d'esse grande acontecimento, não permittiu que possesse o remate á sua obra, educando a nação, filha sua.

Era estrangeiro. Esta nacionalidade ardente e impetuosa que exuberava do nascente imperio, o rechassou á elle, seu fundador, e mais vigorosamente que a nenhum outro. Dura lei, mas natural; germen que rompe a semente; effeito que elimina a causa.

Quando o cume de origem attingiu á sua maior intensidade, D. Pedro I., portuguez de nascimento, deixou de ser um monarcha, para tornar-se um obstaculo, uma anomalia. A mais vehemente das paixões populares, o patriotismo, sublevou-se contra o principio estrangeiro incarnado na sua pessoa.

Reconhecer a fatalidade da revolução, render justiça aos sentimentos naturaes, embora exaggerados, de um povo, e submeter-se singela e nobremente, sem pezar como sem ostentação, aos designios da Providencia : são actos de heroismo e dignidade que a posteridade applaude.

Esta situação não é a do snr. D. Pedro II. felizmente para o Brasil. Americano, como seu povo, com elle nascido neste solo abençoado, crescerão ambos ao influxo das mesmas crenças e das mesmas idéas. Não existe pois neste reinado o germen das invenciveis repulsões, que operão o devorcio entre o monarcha e a nação.

Em taes condições, longe de ser um acto meritorio e uma sublime virtude, a abdicação transforma-se em crime de lesa nação. E' um grande perjurio pelo qual respondem os reis ante Deus no tribunal augusto da posteridade.

Esta linguagem será nimiamente sévera, e talvez impropria de um subdito que se dirige ao soberano. Mas, senhor, quando o monarcha chega a fallir d'aquella magestade inviolavel de que o revestio a vontade nacional, o cidadão, aggravado no seu direito, opprimido em suas crenças, é um remorso vivo, que se ergue perante a regia consciencia.

II

Penetremos, senhor, nos seios de vossa alma; não há nella, estou certo, cousa que se tema de affrontar a publicidade. Meditemos ambos com serenidade as idéas que porventura levarão vosso espirito recto á este desvio incomprehenivel.

E' acaso a guerra, e seu desfecho incerto, o motivo da vossa deploravel intenção?

Figuro uma conjectura.

O pensamento inicial da politica externa que nos arremessou de chofre á guerra de 1864, e logo apoz fatalmente, á luta porfiada contra o Paraguay; o germen d'esta vasta complicação que envolve o paiz, foi por vós lançado na marcha do governo.

Não basta. Depois de encetadas as operações militares, quando a guerra se patenteou ás vistas menos entendidas em toda a enormidade do sacrificio; á vós unicamente se deve a temeridade com que nos precipitamos sem reflectir em uma situação irremissivel; delemma cruel entra a ruina e a vergonha.

Em uma palayra; fostes o principio e sois a alma da guerra. Vosso pensamento a inspirou; vossa convicção a alimenta; as forças vivas de vossa personalidade, todas estão concentradas nessa aspiração grande, immensa, unica, da victoria; e a victoria significa Humaytá arrasado, Lopes deposto, franca a navegação ribeirinha.

Admitto todos estas supposições, que vos apresentam como inteiramente identificado com a guerra. Que rasão maior resulta porém desse concurso de circumstancias, para converter o diadema estrellado de que a nação brasileira cingiu vossa frente em corôa de espinhos?

Julgo comprehendel-a.

As reservas da paz, e tambem os recursos ordinarios estão ha muito esgotados pelas despezas exorbitantes. A população, não afeita ás lides guerreiras, se esquivará porventura de fornecer novos e maiores subsidios de sangue; especialmente para uma luta avara das glórias e nobres enthusiasmos que somente compensão estes sacrificios cruentos.

É possivel portanto que em um momento de canção e prostração, o império exhaustó, não da seiva que é opulenta, mas das forças que se relaxão; é possivel que deseje pôr um termo á luta e assim o ordene.

Semelhante possibilidade não ha brasileiro que a não repilla com vehemencia, quando entra no seu coração e tempera-se ao calor de um santo patriotismo. Mas tambem raro cidadão cordato alonga os olhos pelos foscos horisontes d'esta guerra desastrosa, que não sinta escurecer-lhe a vista e vacillar o espirito.

Então, esmorecido por esta vertigem, o mais heroico e brioso sente o horror do vacuo. Nada espera, nada pode. Sua rasão, perturbada pela immensidade da crise, se recusa ao trabalho da meditação. Elle sente enfim que nenhum homem tem o direito de arrastar sua mãe patria á ruina, para vã satisfação de seus brios revoltados.

Vozes ja se ouvirão neste sentido. São o halbuciar da opinião, infantil ainda, para exprimir a vontade nacional. Olhos de longo alcance se dilatarão pelo futuro e volverão espavoridos de sua medonha vacuidade. D'ahi as manifestações timidas pela paz, insinuadas á espaços no espirito publico.

Assegura-se que esta prespectiva de um desfecho á luta, antes de realizados vossos nobres designios, vos sobressalta. Vedes nessa paz não consagrada pela victoria esplendida, uma fallencia da honra nacional, pagina maculada para a historia brasileira. Repellis portanto a solidariedade d'este acto; não quereis rubricar com o vosso nome o que julgaes seria o triste documento de nossa vergonha.

III

Estes sentimentos, cuja exaltação não discuto agora, são proprios de um caracter nobre e generoso. Mas, senhor, esqueceste uma cousa que deve sempre estar presente e viva na consciencia dos reis.

Vós, monarca, cingido do esplendor da magestade, vós, o primeiro no estado, não tendes o direito que reside no infimo dos cidadãos, no misero proletario, como no vagabundo coberto de andrajos. Não sois uma pessoa; não tendes uma individualidade; não ha sob o manto imperial que vos cobre o *eu* livre e independente.

A nação que vos fez inviolavel e sagrado, vos privou da personalidade. O coração é para os reis um deus lar, que preside a vida domestica e illumina as doces alegrias de familia. Desde que o monarcha sahe d'este sanctuario, annula-se o homem nelle, e fica sómente o representante da soberania nacional.

Vossa honra é a da nação como ella a sentir; vossa dignidade a do imperio brasileiro. Quando o povo entenda que chegou o momento de acabar a guerra, e exprima seu voto pelos meios coustitucionaes, haveis de pensar do mesmo modo, senão como homem, infallivelmente como soberano.

Em vós está incarnado e vivo o grande *eu* nacional. Imagem da soberania brasileira, todos os sentimentos da nação devem necessariamente reflectir-se ahi.

Não ha nas questões externas do paiz duas honras a vingar, a honra do imperio e a honra do imperador. O que pleiteamos nos campos do Paraguay não é a vossa gloria, nem o nome vosso; mas sim o nome e a gloria do Brasil. A elle pois, á elle sómente e a ninguem mais compete resolver em ultima instancia esta questão da propria dignidade.

Este que vos falla, obscuro cidadão, podera, caso o povo brasileiro acceitasse a paz indecorosa, repellir a complicitade do acto, exprobrar á patria semelhante fraqueza, e até mesmo desherdar-se d'ella, se para tanto não lhe fallecesse o animo. Mas eu, senhor, na esphera de minha humidade sou rei de mim mesmo; e o monarcha no fastigio do poder é o subdiço de grandes deveres: porisso mesmo que é o depositario de altas prerogativas.

O pacto fundamental, jurado entre um povo e uma dynastia, vinculo consagrado pela religião e pela honra, não se rompe assim bruscamente e a capricho de uma vontade. Nascem d'este acto solemne direitos e obrigações mutuas para a nação e o soberano. O throno não é sómente um berço feliz, é um tumulo tambem.

Se por qualquer divergencia na politica o soberano tivesse o direito de resignar a corôa, tambem a nação que elegeu a sua dynastia podera ao menor desgosto cassar a delegação da soberania ao seu perpetuo representante. Tornar-se-hia portanto o pacto fundamental, a carta da qual deriva o imperio da lei, o mais arbitrario e caprichoso dos actos humanos.

Debalde o revestirão de tantas solemnidades e o consagrarão pelo suffragio nacional, se bastasse o capricho de uma vontade para o anniquilar. Pois o direito que não tem o menor empregado de abandonar o respectivo cargo sem receber sua escusa, havia de ser tolerado no magistrado supremo da nação, naquelle que faltaria não só á todos os ramos da administração, mas á todos os poderes e á todos os direitos?

Senhor, sois o primeiro cidadão brasileiro; o primeiro não tanto pela supremacia, como pela grandeza do sacrificio. A melhor definição desse titulo, que herdaste, de imperador, vosso augusto pai a escreveu logo a *Constituição* de 1824, e vos ser o defensor perpetuo do Brasil, não somente nos tempos felizes, na monção das glorias e prosperi-

dades, mas sobretudo no dia da desgraça. O maior e o mais onerado dos servidores do estado, para vós não ha praso, nem repouso.

Qualquer que seja o desfecho da guerra, não tendes o direito de separar vossa dignidade da causa nacional. Um rei que por sua desgraça praticasse acto semelhante, faria á sua patria a maior affronta, jogando-lhe com a corôa ás faces. E baxera algum tão isento de pecha, o ponto de suppor-se maculado pelo facto de continuar no throno do paiz que desistisse de uma guerra desastrada?

Se existira este monarcha sempre sollicito pela honra nacional, sempre susceptivel pela dignidade do nome brasileiro, esse mesmo não teria em caso algum o direito de abandonar na humilhação a patria decahida, que sua grande alma bastara para rehabilitar. Seria falta de generosidade, embora justificada pelo rigor de uma consciencia austera.

IV

A honra das nações, como a honra dos individuos, não está sujeita aos accidentes da ordem physica. Estes podem influir no resultado de uma empresa, na realisação de uma idéa; mas não modificão a intenção. A honra é um sentimento, um principio; e não como pensão muitos, um successo ou mera casualidade.

Desdoura-se a nação que soffre impassivel as affrontas á sua dignidade, mas não aquella que se levanta, como o homem de bem, para repellar o insulto, e defender seus brios. Não importa para a consciencia a victoria; ainda succumbindo, um povo que o amor nacional inflamma, é uma cousa respeitavel e santa.

Quando a nação offendida tem grande superioridade de recursos em relação ao outro belligerante, deve por certo mortifical-a em extremo a difficuldade da victoria. Mas se ella empregou os maiores esforços em sobrepujar a resistencia; se deu provas de abnegação e heroismo na reparação de sua honra offendida; não fica deshonrada curvando-se ante a impossibilidade.

Neste caso estaria o Brasil. O que um povo generoso, possuido de nobre estimulo e cheio de valor pode fazer, o nosso o tem feito, senhor; e não obstante os aggravos recebidos de seu governo. O sentimento da nacionalidade brasileira manifestou-se com arrojões de indignação e heroismo, que admirarão as nações de Europa e America.

O Brasil se improvisou guerreiro em poucos mezes. O rude operario com uma constancia surpreendente se fazia soldado no dia do juramento, e veterano no primeiro combate. O governo chegou a assustar-se dessa affluencia de bravos que ao reclamo de honra corrião pressurosos a vingar a patria; e estagnou-lhe o curso, embora depois se arrependesse.

Não será pois um acoptecimento qualquer, por mais cruel ao nosso orgulho nacional, que hade macular o nome d'este povo tão susceptivel no ponto de honra, tão impetuoso nos seus brios. Se a Deus aprouvesse experimentar-nos com uma terrivel provança, deveríamos resignar-nos, pois seríamos vencidos por sua mão inexoravel, em castigo de nossos erros. Mas a honra ficaria intacta.

Longe pois de uma persistencia obstinada e intolerante para attingir o resultado que desejaes, a prudencia aconselha outro procedimento. Convém declarar de uma vez ao paiz toda a extensão do sacrificio que

erra exige, e elle que é o unico soberano, e o unico arbitro da pro-
dignidade, decidirá conforme a sua consciencia de povo nobre
nrado.

ão receio que elle se degrade. Se deixar-se abater um mo-
to pelo terrivel concurso de calamidades, que filhos imprudentes
bitarão; tenho fé robusta na reacção proxima. O Brasil sabe per-
as ingratições, porém não esquece as affrontas. Neste ponto;
lo mais em nossa patria do que vós, senhor, que vos lembrastes
desamparar ao menor desanimo.

ste meio de ir aos poucos arrastando o paiz além de sua vontade,
cenar-lhe agora com um vislumbre de victoria para lhe pedir mais
s; e logo apoz figurar proximo o defecho, que sempre se remove
mais longe, essa fallacia me parece, além de pouco decente para
verno, excessivamente perigosa.

n dia pode o paiz illudido atterrar-se ante a medonha perspectiva
uturo, e exigir contas severas d'aquelles que o levárão de olhos
lados atravez dos precipicios. E não ha nada medonho e funesto
o seja a irritação dos cegos; dos homens, como dos povos cegos.
sespero que gera a impossibilidade de ver a causa de seu mal,
pelle a desfechar golpes tremendos. Almas, ás quaes estão cer-
os horizontes, se esforção por attingir com a furia o que não
m attingir com a vista; e é tudo o que os cerca.

V

a maior expansão do amor que vos consagro, senhor, peço a vossa
itação neste assumpto capital.

rente de nossas forças estão os mais experimentados e os mais
tres dos nossos cabos de terra e mar; a situação estrategica não
cente, mas bem antiga, para achar-se convenientemente estudada.
o pois aquelles generaes ao governo, e este communique ao paiz
rdade inteira das previsões relativas á conclusão ou prolongamento
uerra.

é impossivel a victoria, o que eu recuso acreditar; acabe-se uma
vã de gloria e só repleta de miserias e dôres. Quanto mais de-
sa repararmos as perdas soffridas, mais promptamente arrebatá-
os o triumpho que por ventura nos escape da primeira vez.

evemos vencer porém como tudo o augúra, e faltão apenas os meios
isos? Abra-se então o governo francamente com o paiz; mas com
aiz real, aquelle cuja seiva alimenta o thesouro e o exercito; não
esse paiz simulado, do qual são representantes os maiores e acer-
os inimigos do Brasil.

ses nada recusão, porque nada lhes custa. Dimittirão a patria,
e que a transformarão em feira do estrangeiro. E' gente que não
da vender aos almudes o sangue e o suor do povo por alguns
dos de galão. Nunca o verso do poeta francez teve mais perfeitos
naes: *Pour l'amour du galon prêts à toute livrée.* (Laprade)

á combater essa corrupção espantosa, que deveis applicar toda
a actividade, e dirigir as forças da nação. Não se illustra pela
oria, nem pelas conquistas industriaes, um povo que a desmoralis-
o contaminou. A lerra de vós produz no corpo social ulceras
ondas, que nao escondem algumas folhas de louro e uns remen-
de purpura.

Regenerae a alma da nação ; confortae-a na virtude vacillante. Este sim é trabalho digno da insistencia do soberano ; designio no qual a inflexibilidade será, em vez de erro, dever. Recordai, senhor, o que vos disse outr'ora nestas palavras já esquecidas :

« Quando a nação não ouça a paternal admoestação e se aprofunde no vicio, deturpando a virtude, elevando ao redor do throno máos caracteres e almas prostituídas, então.... seria a circumstancia unica em que um rei teria o direito de abdicar sem fraqueza, abandonando á justiça de Deus o povo que delinquo » (Cartas ao Imperador —7°)

Nada, infelizmente, nada fizestes ainda para arrancar o paiz ao contagio funesto da sordida cobiça e feia immoralidade. Ao contrario vossa indiferença a respeito de tudo quanto não concerne a guerra, e vossa obstinação á respeito d'ella, toleráo cousas incriveis para quem estima vosso caracter.

Tudo barateaes, tudo concedeis ; o bom conceito de vosso nome, o pundonor da patria, a inviolabilidade da constituição, os principios vitaes da sociedade ; tudo, comtanto que venhão em troca munições e soldados para fazer a guerra. Queira Deus, que estas levas guerreiras arrancadas do solo brasileiro por tal meio, não reproduzão o exemplo das hostes que o rei Cadmus tirou da terra com os dentes e a torpe sanie de um dragão.

VI.

Senhor, affogão-me o coração as effusões do muito que tenho á dizer-vos. Não posso de uma vez arrojear essas abundancias da alma, acanhada para seu grande patriotismo, fraea para sua dôr ante os males da actualidade.

Voltarei á vossa presença. Compellem-me, não só os grandes interesses do paiz e do throno, como a valentia dos meus sentimentos.

Para mim, senhor, representaes uma fé. E' luz que talvez bruxulea, mas não se apaga. Vélo nesta creuça augusta, como no fogo vestal de minha religião politica. No instante em que se elle extinguir, creio que ficará na cinza dessa combustão o meu ultimo enthusiasmo. E talvez não haja seve para reanimal-o jamais !

Não se nutre esta fé na dedicação á vossa pessoa : o que a fortalece é o zelo pelo grande principio representado no snr. D. Pedro II ; o amor á dynastia, gemea da patria, pois nascerão juntas ; e acima de tudo o receio de que decepções amargas e successivas derramem no paiz o tedio pelas melhores instituições.

Sou monarchista, senhor, como sou christão, com fervor e enthusiasmo, do mais profundo de minha alma.

O typo do homem livre, do cidadão independente, não é o republicano, que se apavora com a idéa de uma delegação permanente da soberania. Visionário politico, sonhando um nivelamento repugnante á natureza tanto moral como physica, elle julga-se humilhado em sua dignidade, pelo facto de reconhecer um monarcha ; e não duvida fazer-se humilde vassallo da plebe. Entretanto que envergonha-se de respeitar a soberania nacional em um individuo, a acata na multidão, só porque é multidão.

Dignidade de algarismo que não comprehende o homem de convicções. O monarcha, vive pela força moral ; no povo reside a força physica. Qualquer d'estas forças é susceptivel de degenerar, em ambas ha o

germen pernicioso da tyrania, com a differença porém do alcance. Um rei pôde ir até a ferocidade do tigre, não passa alem; mas a multidão, é uma voragem, um abysmo, um hiato immenso e pavoroso da atrocidade humana.

Equivale o republicano ao atheu em politica. Nega o ente superior com receio de amesquinhar-se em face d'elle.

O verdadeiro cidadão, como eu o comprehendo, o homem livre por excellencia, é aquelle que se não assombra com o aspecto da magestade. Ao contrario regosija-se vendo uma cabeça no grande corpo social; tronco degolado se a não tivesse; arlequim se a tivera postiça.

A existencia de um poder supremo e permanente que porventura abuse da força e attente contra seus direitos, não perturba a serenidade d'aquella alma livre; é como o varão justo, que venera a omnipotencia do Creador, mas não trepida nunca!

O mais bello exemplo de liberdade na historia dos povos é o do cidadão que acha na rigidez da consciencia a força de arrostar com a magestade e fallar ao soberano a linguagem da rasão.

Possa minha palavra, ungida pela veneração que vos consagro, calar em vosso espirito e suffocar ahi as injustas prevenções que levanta uma desconfiança reciproca entre a nação e a corôa. O momento da maior angustia para a patria não era a occasião propria para o soberano fazer garbo de sua abnegação pelas grandezas; mas sim para que patenteasse ainda uma vez a abnegação sublime de sua propria pessoa.

Vossos labios commetterão pronunciando a palavra um lapsó que a mente calma de certo ja corrigiu. Dissarão abdicação, quando a senha do dia para todos os brasileiros, e para vós primeiro que todos, é dedicacão.

24 de junho.

ERASMO.



AO IMPERADOR

NOVAS CARTAS POLITICAS

DE

ERASMO

SEGUNDA CARTA

(SOBRE A EMANCIPAÇÃO)

SENHOR

A fama é um oceano para a imaginação do homem.

As vezes refrangem na limpida superficie do mar reverberações que fascinão. Dezenha-se aos olhos deslumbrados um panorama esplendido. Nas magnificencias da luz, como na pompa das fórmas excede, as maravilhas do oriente.

Mas no fôco brilhante d'essa reverberação ha infallivel um espectro.

O espectro solar é a sombra, a treva, a noite, que jaz no amago da luz, como o germen do mal no seio do bem. O espectro da fama é o lucto de uma virtude que succumbiu, o fantasma da justiça immolada, a larva do remorso.

Vosso espirito, senhor, permitti que o diga, foi victima d'esta fascinação. De longe vos sorrio a celebridade. A gloria, unica ambição legitima e digna dos reis, aqueceu e inebriou um coração, até bem pouco tempo ainda, frio e quasi indifferente.

Correstes apoz. Mas deslumbrado pela vizão especular, abandonastes a luz pura, limpida e serena da verdadeira gloria, para seguir o fallaz clarão. Proteger, ainda com sacrificio da patria, os interesses de outros povos e favonear, mesmo contra o Brasil, as paixões estrangeiras, tornou-se desde então a mira unica de vossa incansavel actividade.

São duras de ouvir para um monarcha semelhantes palavras; mais

crueis ainda são de enunciar para um cidadão leal. Vossa alma porém carece d'estas verdades huas para se rever nellas como em um espelho que reflecta sua extranha pèrturbação.

Povo adolescente, senão infante; derramado por um territorio, cuja vastidão nos opprime; isolados, nestas regiões quasi virgens, do eentro da civilisação do muado; qual lustre e fama poderíamos, nós brasileiros, nós babaros, dar a um grande soberano, que o enchesse de nobre orgulho?

Nossa gratidão nacional por um reinado justo e sabio, essa de todas a oblação mais sublime da patria, comparada com a celebridade européa, não passa de mesquinha e insignificante demonstração. Fallamos uma lingua, que o mundo desdenha, não obstante sua excellencia de mais rica e nobre entre as modernas. Nossa palavra não tem ainda aquelle echo formidavel do canhão que repercute longe no coração das nações.

Ouve-nos apenas, e imperfeitamente, um punhado de dez milhões de almas.

Para a imaginação avida, a fama estrangeira tem de certo melhor sabor e outra abundancia. O elogio, nalguma d'essas linguas que se fizerão cosmopolitas, contorna o mundo e diffunde-se immediatamente na opinião universal. Os quatro ventos da imprensa transportão aos confins da terra o nome em voga, que repetem centos de milhões de individuos. Disputão as artes entre si a primazia de illustrar a memoria do grande homem e perpetuar as minimas particularidades de sua vida.

Serão satisfeitos vossos mais caros desejos, senhor, infelizmente para a pureza de vosso nome.

Já começastes a colher as primicias da celebridade, que tanto co-biçaes. O jornalismo europêu rende neste momento ao imperador do Brasil aquellas homenagens da admiração prodiga e inexhaurivel, que sauda a ascenção de todos os astros da moda. O estrangeiro vos proclama um dos mais sabjos e illustres dos soberanos. Não ha muitos dias leu o paiz o trecho da mensagem em que o presidente dos Estados-Unidos, alludindo á franquia do Amazonas, vos considerou entre os primeiros estadistas do mundo.

Palavras oucas e sonoras, soalhas do pandeiro, que a fama, seductora bohemnia, tange com requebros lascivos insultando a castidade do homem sisudo. Quem pensára que vossa alma sobria se havia de render á vulgar tentação?

Não tardará o' desengano. Libaes agora as delicias da celebridade: breve sentireis a humilhação da gloria. Hade causar-vos nojo então esta futil celebridade que a moda distribue a esmo por quaesquer novidades artisticas.

Um espirito robusto como o vosso não pôde soffrer por muito tempo o jugo da vaidade. Reconhecereis que um monarcha brasileiro, fosse elle o idolo de seu povo e o melhor entre todos os reis da terra, havia de viver como sua patria no crepusculo de nossa civilisação nascente.

E' a lei providencial de todas as cousas que tem uma aurora e um occaso.

Ha alguns seculos a origem historica de França e Inglaterra são cousa obscura e indifferente: em nossos dias quem não préza os illustres fundadores d'estas grande nações! Quando nossa joven civilisação subir ao apogeo, tambem projectará sobre o passado, presente agora, um vivo clarão. E' o raio dessa luz que hadé illuminar o berço do povo brasileiro e o reinado dos soberanos virtuosos que o educarem para o bem.

II

Não existe para vós, senhor, outra fama licita e pura, senão aquella postluma, que é a verdadeira gloria.

Já se foi o tempo em que os povos são instrumento na mão dos reis, que os empregavam para obter a satisfação de suas paixões e a conquista de um renome vão. Agora que as nações se fizêrão livres e de cousa maneavel se tornárão em vontade soberana; são ellas próprias a mais generosa ambição e a gloria excelsa para os monarchas.

Outr'ora Alexandre, arrojando á Asia seu pequeno povo e desbaratando-o para conquistar um mundo, foi o maior heroe da antiguidade. O rei que tal cousa emprêhendesse actualmente de seu proprio impulso perpetraria um grande crime, sacrificando á sua gloria pessoal os destinos de uma nação livre.

Maior entre os monarchas, neste seculo de liberdade, considero eu aquelle, embora modesto e comedido, que possa ler no fundo de sua consciencia integra a satisfação de governar um povo feliz. São estes os unicos heróes de nosso tempo, os grandes conquistadores da paz e da civilisação.

Repassae na mente a vossa historia, senhor. Durante um reinado de vinte sete annos, em sua quasi metade bastante agitado, lutando com duas rebelliões e a effervescencia do espirito publico; nunca vosso nome esteve como hoje sujeito á censura e até mesmo á exprobração. Outr'ora pululavão alguns torpes escriptos que transudavão fel; erão as escorias de paixões infimas. As accusações actualmente se levantão no parlamento e no alto jornalismo.

Porque rasão recrudescer este symptoma justamente quando nos trazem todos os paquetes as explosões do enthusiasmo estrangeiro por vossa pessoa? Comose explica esse desgosto nacional por aquillo que ao contrario devera orgulhar um pov o?

Confrange o espirito publico um resentimento amargo. O paiz suspeita que os enthusiasmos de além mar não são expontaneos e desinteressados; mas sim obtidos á custa de concessões perigosas. Rasgase o manto auri-verde da nacionalidade brasileira, para cobrir com os retalhos a cobiça do estrangeiro.

São muitos os cortejos que já fez a corõa imperial á opinião européa e americana. Reclama serio estudo cada um d'estes actos, verdadeiros golpes e bem profundos, na integridade da nação brasileira. Um porém sobre todos me provoca neste momento, pelo seu grande alcance no futuro do paiz, como pelo grave abalo que produzio na sociedade.

A emancipação é a questão maxima do dia. Vós a descarnastes, senhor, para arremessal-a crua e palpitante na tela da discussão, como um pabulo ás ambições vorazes do poder. Immediatamente o arrebatou essa facção que se intitula progressista, como os vandalos se dizião emissarios celestes: *agi enim se divino jusso*.

A propaganda philantropica, excitando vivas sympathias entre os povos civilisados, devia ser arma formidavel na mão que a soubesse manear com vigor. Sentindo estiar a aura ephemera e caprichosa que em principio os acolhêra, os homens da situação conhecerão a necessidade de amparar-se com a influencia estrangeira. Era o meio de subtrahirem-se á indignação publica, sublevada por seus desatinos.

Não hesitarão pois; fizeram de uma calamidade idéa politica. Dissecarão uma viscera social para atar a maioria.

Considerai, senhor, no alcance funesto d'este acontecimento, se os espiritos reflectidos vacillassem um instante na resistencia, abalados pelo impulso do coração. Rompidos porventura os diques da opinião, a revolução se precipitára assolando este misero paiz, já tão devastado. A ninguem é dado prever até onde chegaria a torrente impetuosa.

Felizmente o espirito são e prudente do povo, arrostando com a odiosidade dos preconceitos, acudiu prompto em defeza da sociedade ameaçada por falsa moral. Salutar energia que poupou á nação brasileira males incalculaveis e ao vosso reinado um epilogo fatal!

Peza-me desvanecer a grata illusão em que se deleita vossa alma.

Libertando uma centena de escravos, cujos serviços a nação vos concedera; distinguindo com um mimo especial o superior de uma ordem religiosa que emancipou o ventre; estimulando as alforrias por meio de mercês honorificas; respondendo ás aspirações beneficentes de uma sociedade abolicionista de Europa; e finalmente reclamando na falla do throno o concurso do poder legislativo para essa delicada reforma social; sem duvida julgaes ter adquirido os fóros de um rei philantropo.

Grande erro, senhor, prejuizo rasteiro que não devera nunca attin-

gir a altura de vosso espirito. Estas doutrinas que vos seduzirão, longe de serem no Brásil e nesta actualidade, impulsos generosos de beneficencia, tomão ao revez o character de uma conspiração do mal, de uma grande e terrivel impiedade.

A propagação entusiastica de semelhante idéa neste momento lembra a existencia das seitas exterminadoras, que prezas de um cego fanatismo buscão o phantasma do bem atravez do luto e ruina. Quanto pranto e quantas vidas custa ás vezes o titulo vão por que almeião alguns indivíduos, de bemfeitores da humanidade!

Bem o exprimiu o illustre Chateaubriand na maxima severa com que estigmatizou essa hypocrisia social: — « A philantropia, disse elle á proposito do trafico de africanos, é a moeda falsa da caridade »

III

Investiguemos, senhor, com a attenção que merece, este problema humanitario.

A escravidão é um facto social, como são ainda o despotismo e a aristocracia; como já forão a coempção da mulher, a propriedade do pai sobre os filhos e tantas outras instituições antigas.

Se o direito, que é a substancia do homem e a verdadeira creatura racional, sahisse perfeito e acabado das mãos de Deus, como sahio o ente animal, não houvera progresso, e o mundo moral fôra incompre-hensivel absurdo.

Não soffre porém séria contestação, essa verdade commum e sedicã da marcha continua da lei que dirige a humanidade.

O direito caminha. Deus, creando-o sob a forma do homem e pondo a intelligencia ao seu serviço, abandonou-o á força bruta da materia. A luta gigante do espirito contra o poder physico dos elementos, do sopro divino contra o vigor formidavel da natureza irracional, é a civilização. Cada triumpho que obtem a intelligencia importa a solução de mais um problema social.

Nessa geração continua das leis, creaturas do direito, a idéa que nasce têm como o homem uma vida sagrada e inviolavel. Truncar a existencia do individuo animal é um homicidio; supprimir a existencia do individuo espirital é a anarchia. Crime contra a pessoa em um caso; crime contra a sociedade em outro.

A escravidão caduca, mas ainda não morreu; ainda se prendem á ella graves interesses de um povo. E' quanto basta para merecer o respeito. No tenue sopro, que de todo não exhalou do corpo humano moribundo, persiste a alma e portanto o direito. O mesmo acontece com a instituição: enquanto a lei não é cadaver, despojo inane de uma idéa morta, sepultal-a fôra um grande attentado.

A superstição do futuro me parece tão perigosa, como a superstição do passado. Esta junte o homem ao que foi, e o deprime; aquella arrebatada o homem ao que é, e o precipita. Consiste a verdadeira religião do progresso na crença do presente, fortalecida pelo respeito ás tradições, desenvolvida pelas aspirações á melhor destino.

Decorar com o nome pomposo de philantropia o ideal da sciencia e lançar o odioso sobre as instituições vigentes, qualificando seus defensores de espiritos mesquinhos e retrogradados, é um terrivel precedente em materia de reforma. Tolerado semelhante fanatismo do progresso, nenhum principio social fica isento de ser por elle atacado e mortalmente ferido.

A mesma monarchia, senhor, póde ser varrida para o canto entre o cisco das idéas estreitas e obsoletas. A liberdade e a propriedade, essas duas fibras sociaes, cahirão desde já em despreso ante os sonhos do communismo. Seria facil demonstrar que vosso proprio espirito, philantropo no assumpto da escravidão, não passa de rotineiro á respeito de religião.

Choca semelhante arrogancia da theoria contra a lei. Ainda mesmo extinctas e derogadas, as instituições dos povos são cousa santa, digna de toda veneração. Nenhum utopista, seja elle um genio, tem o direito de profanal-as. A razão social condemna uma tal impiedade.

A escravidão se apresenta hoje ao nosso espirito sob um aspecto repugnante. Esse facto do dominio do homem sobre o homem revolta a dignidade da creatura racional. Sente-se ella rebaixada com a humilhação de seu semelhante. O captiveiro não pesa unicamente sobre um certo numero de individuos mas sobre a humanidade, pois uma porção d'ella acha-se reduzida ao estado de cousa.

Mais barbaças instituições porém do que a escravidão já existirão, e forão respeitadas por nações em virtude não somenos ás modernas. Não se envergonharão ellas em tempo algum de terem laborado no progresso do genero humano, explorando uma idéa social. Ao contrario ainda agora lhes são titulos de gloria, essas leis energicas e robustas, que fazião sua força e servião de musculo a uma raça pujante.

Houve jámais tyrania comparavel ao direito quirital dos romanos? Entretanto foi essa instituição viril que cimentou a formidavel nacionalidade do povo rei, e fundou o direito civil moderno

Que mais oppressivo governo do que o feudalismo? Sahiu d'elle não obstante por uma feliz transformação o modelo da liberdade politica, o systema representativo.

E' pouco generoso, o gratuito rancor ás instituições que deixarão de existir, ou estão expirantes. Toda a lei é justa, util, moral, quando realisa um melhoramento na sociedade e apresenta uma nova situação, embora imperfeita da humanidade.

Neste caso está a escravidão.

E' uma forma, rude embora, do direito; uma phase do progresso; um instrumento da civilisação, como foi a conquista, o mancipio, a gleba. Na qualidade de instituição me parece tão respeitavel como a colonisação; porém muito superior quanto ao serviço que prestou ao desenvolvimento social.

De feito na historia do progresso representa a escravidão o primeiro impulso do homem para a vida collectiva, o elo primitivo da communhão entre os povos. O captiveiro foi o embrião da sociedade; embrião da familia no direito civil; embrião do estado no direito publico.

Hão de parecer-vos estranhas estas proposições, senhor; talvez que á vossa mente prevenida se apresentem como a glorificação da tyrania domestica.

Percorrei comigo de um lanço a historia da humanidade.

IV

No seio da barbaria, o homem em luta contra a natureza, sente a necessidade de multiplicar suas forças. O unico instrumento ao alcance é o proprio homem, seu semelhante; appropriá-se d'elle, ou pelo direito da geração ou pelo direito da conquista. Ahi está o germen rude e informe da familia, aggregado dos famulos, *cætus servorum*. O mais antigo documento historico, a Genesis, nos mostra o homem filiando-se á familia extranha pelo captiveiro.

Mais tarde a agglomeração das familias constitue a nação, *gens*, formada dos homens livres, senhores de si mesmos. Em principio reduzida a pequenas proporções, tribu apenas, é pelo captiveiro ainda que a sociedade se desenvolve, absorvendo e assimilando as tribus mais fracas.

Se a escravidão não fosse inventada, a marcha da humanidade seria impossivel, á menos que a necessidade não supprisse esse vinculo por outro igualmente poderoso. Desde que o interesse proprio de possuir o vencido não cohibisse a furia do vencedor, elle havia de immolar a victima. Significara portanto a victoria na antigidade uma hetacombe; a conquista de um paiz, o exterminio da população indigena.

As raças americanas cheias de tamanho vigor, opulentas deseiva, haurindo a exuberancia de uma natureza virgem, estavam não obstante a extinguir-se ao tempo da descoberta. Entretanto no Oriente, n'um clima enervador, sob a acção funesta da decadencia physica e moral uma raça cachetica e embrutecida pululava com espantosa rapidez.

Ignorão os philantropos a rasão?

A America desconhecia a escravidão. O vencido era um tropheu

para o sacrificio. No selvagem amor da liberdade, o americano não impunha, é menos supportava, o captivo. No Oriente ao contrario a escravidão se achava na sua patria. A guerra era uma industria; uma aquisição de braços. O primeiro capital do homem foi o proprio homem.

Todas as vezes que houve necessidade de reparar uma solução de continuidade entre os povos, a escravidão se desenvolveu de novamente a fim de preencher sua missão eminentemente social.

Primitivamente os povos caminbãrão pela conquista. Hordas barbaras rompião das florestas para o foco da civilisação. O homem culto vencido physicamente pelo homemselvagem, mas reagindo moralmente pela superioridade do espirito; eis o escravo antigo, mestre, sabio, philosopho.

Assim, desde as origens do mundo o paiz centro de uma esplendida civilisação, é no seu apogeu um mercado, na sua decadencia um producto de escravos. O Oriente abasteceu de captivos a Grecia. Nessa terra angusta da liberdade, nas ágoras de Athenas, se proverão d'esse traste os orgulhosos patricios de Roma. Por sua vez o cidadão rei, o *cives romanus*, foi escravo dos godos e hunos.

Modernamente os povos caminbãrão pela industria. São os transbordamentos das grandes nações civilisadas que se escoão para as regiões incultas, immersas na primitiva ignorancia. O escravo deve ser então o homem selvagem que se instrue e moralisa pelo trabalho. Eu o considero nesse periodo como o neophito da civilisação.

A salutar influencia do christianismo adoçou a escravidão; e a organização da sociedade foi operando nella uma transformação lenta que terminou entre o nono e o decimo seculo. Entrou aquella antiquissima instituição em outra phase, a servidão, que só foi completamente extincta com a revolução de 1789.

O escravo deixou de ser cousa na phrase de Catão, ou animal segundo a palavra de Varrão; tornou-se homem, como exigia Seneca; mas o homem propriedade, o homem ligio, adstricto ao solo ou á pessoa do senhor feudal. Metade livre e metade captivo: uma propriedade vinculada a uma liberdade; eis a imagem perfeita do servo.

Havia quinhentos annos que se extinguiu na Europa a escravidão, quando no seculo XV resurge ella de repente e no seio da civilisação.

Porque razão?

Os philantropos abolicionistas, enlevados pela utopia, não sabem explicar este acontecimento. Vendo a escravidão por um prisma odioso, recusando-lhe uma acção benefica no desenvolvimento humano, obstinão-se em ~~comparar~~ ~~comparar~~ ás más paixões humanas, á cobiça e indolencia, o effeito de uma causa superior.

Resurge a escravidão no seculo XV suscitada pela mesma indecli-

navel necessidade que a tinha creado em principio e mantido por tantos millenios.

Na cabeça da Europa, como lhe chama o grande epico luzitano, então cérebro do mundo civilisado, gerava-se o maior acontecimento da idade moderna, o que lhe serve de data, a descoberta da America. A essa raça iberica, semi africana, estava reservada a gloria de lançar primeira a mão ao novo mundo e pol-o ao alcance do antigo.

Pois ahí no seio dessa raça devia renascer a escravidão européa. Depois da expulsão dos mouros em 1440, effectuou-se o resgate de prisioneiros brancos por negros. Este foi o estímulo e o principio do trafico de africanos que só devia terminar em nossos dias:

Não se podia melhor ostentar a logica da civilisação humana.

A'quelles povos, futuros senhores de um mundo, obrigados a roteal-o, erão indispensaveis massas de homens para devassar a immensidade dos desertos americanos e arrostar a pujança de uma natureza vigorosa. Estas massas, não as tinham em seu proprio seio, carecião de buscal-as : a raça africana era então a mais disponivel e apta.

Se a raça americana supportasse a escravidão, o trafico não passara de accidente, e ephemero. Mas por uma lei misteriosa essa grande familia humana estava fatalmente condemnada a desaparecer da face da terra, e não havia para encher esse vacuo, senão a raça africana. Ao continente selvagem o homem selvagem. Se este veio embrutecido pela barbaria ; em compensação trouxe a energia para lutar com uma natureza gigante.

Tambem não havia outro meio de transportar aquella raça á America, senão o trafico. Por conta da consciencia individual correm as atrocidades commettidas. Não carrega a idéa com a responsabilidade de semelhantes actos, como não se imputa á religião catholica, a sublime religião da caridade, as carnificinas da inquisição. O trafico, na sua essencia era o commercio do homem ; a *mancipatio* dos romanos.

Sem a escravidão africana e o trafico que a realisou, a America seria ainda hoje um vasto deserto. A maior revolução do universo, depois do deluvio, fôra apenas uma descoberta geographica, sem immediata importancia. De certo não existirão as duas grandes potencias do novo mundo, os Estados-Unidos e o Brasil. A brilhante civilisação americana, successora da velha civilisação européa, estaria por nascer.

V

Não é, senhor, um paradoxo esta minha convicção da influencia decisiva da escravidão africana sobre o progresso da America.

Os factos a traduzem com uma lucidez admiravel.

Renascida a moderna escravidão na península iberica, póde-se affirmar

que não medrou sobre o continente europeu. Ao contrario foi de si mesma, pela influencia dos costumes, como pela natural repulsão das duas raças, se extinguindo. Não houve necessidade de derogar a instituição; ainda a lei permanecia, que já o facto desaparecera completamente.

Nas possessões ultramarinas porém, e especialmente na America, o trafico de africanos se desenvolveu em vasta e crescente escala. Não só Hespanha e Portugal já acostumadas com os escravos mouros, como as outras potencias maritimas, Inglaterra, França e Hollanda, se forão prover no grande mercado da Nigricia, dos braços necessarios ás suas colonias.

Como se explica essa anomalia de povos, repellindo na metropole uma instituição que adoptão e protegem, no regimen colonial? Não era natural que a mesma salutar influencia dos costumes e antipathia de origem actuassem nesses paizes, a não interpor-se uma causa poderosa?

Essa causa era a necessidade, a suprema lei diante da qual cedem todas as outras; a necessidade, força impulsora do genero humano.

Na metropole, os europeus não soffrião a falta do escravo, facilmente substituido e com vantagem, na cidade pelo proletario, na agricultura pelo servo. Para as possessões americanas porém o escravo era um instrumento indispensavel. Tentarão suppril-o com o indio; este preferio o exterminio. Quizerão substituir-lhe o galé; mas já civilizado, o fascinora emancipava-se da pena no deserto, e fazia-se aventureiro em vez de lavrador.

Não houve remédio senão vencer a repugnância do contacto com a raça bruta e decahida. Um escriptor notavel, Cochin, extrenuo abolicionista, não pôde apezar de suas tendencias philanthropicas, esquivar-se á verdade da historia. Deu testemunho da missão civilisadora da escravidão moderna, em sua obra recente, quando escreveu estas palavras; — « Foi ella, foi a raça africana que realmente colonisou a America. » (Abolição da escravidão — V. 2 pag. 74).

Errão aquelles que attribuem o desenvolvimento do trafico á simples condições climatericas. Se as admiraveis explorações dos descobridores não bastão para desvanecer esse prejuizo, diariamente se accumulão os argumentos contra elle. Quem já não observou a impassibilidade com que o trabalhador portuguez arrosta o sol ardente dos tropicos, no mais rude labor?

Não. Esta familia latina, que desdenha a ridicula abusão dos materialistas *« habe tanto como el »* saxonica força e energia de sobra para rotear o solo americano. Outras forão as causas da insufficiencia da raça branca em relação á primitiva colonisação do novo mundo.

A população da Europa longe de transbordar, como agora, era

pouco intensa naquelle tempo: seu território embora pequeno, sobejava-lhe. Minguados subsidios portanto devia prestar ás novas descobertas; e estes mesmos estorvados pela difficuldade e risco das communicações. Erão raras as viagens então; a emigração nulla.

Foi esta uma causa; outra, a degradação do trabalho agricola em toda a sociedade mal organizada, que vive dos despojos do inimigo, ou dos recursos naturaes do solo. A colonia era uma agglomeração de aventureiros á busca de minas e thesouros. Sonhando riquezas fabulosas, qualquer europeu, ainda mesmo o degradado, repellia o cabo do alvião como um instrumento aviltante. A lavoura na America parecia uma nova gleba ao homem livre.

Eis a necessidade implacavel que suscitou neste continente o trafico africano. Vinha muito a proposito parodiar a palavra celebre de Aristoteles: « Se a enchada se movesse por si mesma era possível dispensar o escravo. »

Tres seculos durante a Africa despejou sobre a America a exuberancia de sua população vigorosa. Calcula-se em cerca de quarenta milhões o algarismo d'essa vasta importação. Nesse mesmo período a Europa concorria para a povoação do novo mundo com um decimo apenas da raça negra.

Não vem de origem suspeita estes dados; são collidos na obra citada de um ardente abolicionista. E' certo que elle jogou com aquelles algarismos para demonstrar o desperecimento da raça africana na America: mas escapou-lhe a razão logica e natural do numero reduzido da população negra, apresentado pelas estatisticas modernas. Em tres e meio seculos o amalgama das raças se havia de operar em larga proporção, fazendo preponderar a côr branca. Tres ou quatro gerações bastão ás vezes no Brasil para uma transformação completa.

E' pois uma grande inexactidão avançar que a raça africana nem ao menos prestou para povoar a America. Quem abriu o curso á emigração europeá, quem fundou a agricultura nestas regiões, senão aquella casta humilde e laboriosa, que se prestava com docilidade ao serviço como aos prazeres da ralé, vomitada pelos carceres e alcouces das metropoles?

Longe de encherger a diminuição da gente africana pelo odioso prisma de um precoce desperecimento, cumpre ser justo e considerar este facto como a consequencia de uma lei providencial da humanidade, o crusamento das raças, que lhe restitue parte do primitivo vigor. Bem dizia o illustre Humboldt fazendo o inventario das varias linguas ou familias transportadas á America e confundidas com a indigena: « Ahi está inscripto o futuro do novo mundo! »

Verdade prophetica. A proxima civilisação do universo será americana como a actual é europeá. Essa transfusão de todas as familias

humanas no solo virgem d'este continente, ficara incompleta se faltasse o sangue africano que no seculo VIII, afervorou o progresso da Europa.

Chego á questão da sua actualidade.

Esse elemento importante da civilisação americana, que servio para creal-a e a nutrio durante tres seculos, já consummou sua obra ? E' a escravidão um principio exaustivo, que produzio todos os seus bons effeitos e tornou-se portanto um abuso, um luxo de iniquidade e oppressão ?

Nego, senhor, e o nego com a consciencia do homem justo, que venera a liberdade ; com a caridade do christão, que ama seu semelhante e soffre na pessoa d'elle. Affirmo que o bem de ambas, da que domina, como da que serve, e d'esta principalmente, clama pela manutenção de um principio que não representa sómente a ordem social e o patrimonio da nação ; mas sobretudo encerra a mais sã doutrina do evangelho.

Espero em outra carta levar esta convicção ao vosso espirito ; não obstante a fatal abstracção, que o retira da miseria nacional, para engolphal-o nas auras da celebridade.

15 de julho 1867

ERASMO.

AO IMPERADOR

NOVAS CARTAS POLITICAS

DE

ERASMO

TERCEIRA CARTA

(SOBRE A EMANCIPAÇÃO)

SENHOR

VI

A reputação e o amalgame das raças humanas são duas leis de physiologia social tão poderosas como na physica os principios da impenetrabilidade e cohesão.

Integralmente, raças diversas não podem cohabitar o mesmo paiz, como não podem corpos extranhos occupar simultâneos o mesmo espaço. Os individuos porém que formão as moleculas das differentes especies, adherem mutuamente, e se confundem em nova familia do genero humano.

Ninguem desconhece todavia quanto é lenta essa cohesão ou amalgame de raças. Demanda sculos e sculos semelhante operação ethnographica; e traz graves abalos á sociedade. A tradição e o character, que formão a originalidade de cada grupo da especie humana, não se diluem sem aturado e continuo esforço.

Desde que por uma necessidade suprema e indeclinavel a raça africana entrou neste continente e compoz em larga escala a sua população; infallivelmente submetteu-se á acção d'esse principio adhesivo, ao qual não escapou ainda uma só familia humana.

Eis um dos resultados benéficos do tráfico. Cumpre não esquecer quando se trata d'esta questão importante, que a raça branca, embora reduzisse o africano á condição de uma mercadoria, nobilitou-o não só pelo contacto, como pela transfusão do homem civilisado. A futura civilisação da Africa está ahi nesse facto em embrião.

Mas, senhor, que força maior suffocou a invencível repulsão das duas especies humanas mais repugnantes entre si, á ponto de as concentrar no mesmo solo durante trezentos e cincoenta annos?

A escravidão; a alligamem artificial, que supprime e prepara o amalagama natural. Sem a pressão energica de uma familia sobre a outra era impossivel que a immigração européa, tão diminuta nos primeiros tempos, resistisse á importação africana dez vezes superior. Aca-brunhada pela magnitude da natureza americana, entre dois inimigos, o negro e o indio, a colonia seccumbira sem remedio.

Situada assim a questão dentro de seus verdadeiros limites na sciencia social, a conclusão decorre logicamente. Resolve-se a escravidão pela absorpção de uma raça por outra. Cada movimento cohesivo das forças contrarias é um passo mais para o nivelamento das castas, e um impulso em bem da emancipação.

Chegado o termo fatal, produzido o amalagama, a escravidão cabe decrepita e exanime de si mesma, sem arranco nem convulsão, como o ancião consumido pela longevidade que se despede da existencia adormecendo. Mas antes do seu prazo, quem fere mortalmente uma lei, derrama sangue, como se apunhalara um homem.

A historia, grande mestra, para os que a estudão com o necessario criterio, confirma todos estes corollarios da razão. Nas memorias da escravidão moderna está registrado o summario crime dos governos que guilhotinarão essa instituição, para obedecer á fatuidade de uma utopia. De uma utopia, sim; pois outro nome não tem essa pretensão de submeter a humanidade, o direito, á uma craveira mathematica.

Porque somos livres agora, nós filhos de uma raça hoje superior, havemos de impôr á todo o individuo, até ao barbaro, este padrão unico do homem que já tem a consciencia de sua personalidade! Não nos recordamos que os povos nossos progenitores forão tambem escravos, e adquirirão nesta escola do trabalho e do soffrimento, a tempera necessaria para conquistar seu direito e usar d'elle?

Enlevo dos espiritos philantropicos! O catholicismo da liberdade, como o catholicismo da fé é o ultimo verbo do progresso: união da especie humana e sua maxima perfeição. Aspiremos á esse esplendido apogéo dos nossos destinos; mas não tenha alguém a ridicula preteução de o escalar.

Dois factos muito salientes de abolição contrastão na historia da

escravidão moderna; a das colónias inglezas em 1833 e o das colónias francezas em 1848.

O primeiro se realisou com abalo, mas sem grandes catastrophes. Ao attrito do frio character saxonio, a população negra se tinha limado. O homem do norte é originalmente indústrioso; sua mesma pessoa representa uma industria, uma elaboração constante das forças humanas contra as causas naturaes de destruição. Elle disputa a vida ao clima, e a nutrição ao gelo.

Esse cunho vigoroso da materialidade, o colono inglez imprimira na sua escravajura. O negro não era já mero instrumento em sua mão; porém um operario ao qual só faltava o estímulo do lucro. Quando realisou-se a emancipação, os escravos se não estavão completamente educados para a liberdade, possuem pelo menos os rudimentos industriaes que devião mais tarde desenvolver-se com o trabalho independente. A essa madureza, deve-se o estado prospero da população negra depois da abolição.

Houve dôr e sangue, porque amputou-se um membro vivo da sociedade, uma instituição util ainda; porém a cicatriz não se demorou muito e o organismo se restabeleceu. A passagem do trabalho escravo para o trabalho livre, se effectuou com a divisão das terras e a vigilancia da autoridade.

Nas colónias francezas muda a scena; a abolição toma um aspecto triste.

A raça latina é sobretudo artistica; a industria que para o filho do norte começa com a infancia do progresso, para o filho do sul representa a virilidade. Outros estímulos, que não o commodo e o util, impellem o character ardente d'essa familia do genero humano: ella aspira sobretudo ao bello e ao ideal. Com uma grana tão delicada, não podia certamente a raça latina polir com rapidez a rude crosta do africano: este permanecia um instrumento bruto na sua mão.

Por isso a emancipação além da desordem economica e das insurreições, acarretou a desgraça e ruina da população negra. Ainda não educada para a liberdade, entregou-se á indolencia, á miseria e á rapina. Com rasão se disse que a abolição da escravidão ali importara a abolição do trabalho. Ainda agora faltão ás colónias francezas os braços que demanda a agricultura.

Onde estão os que, embora captivos, mantinhão essa industria? Afflictiva interrogação, a que não attende a philantropia, mas a estatistica responde com funebre algarismo.

VII

Não ha exemplo, senhor, de um paiz que se animasse a emancipar a raça africana, sem ter sobre ella uma grande superioridade numerica.

Quebrar o vinculo moral, quando não existe a intensidade necessaria para absorver e soffocar o principio extranho, seria o suicidio. Nenhum dogma de moral ou preceito de philantropia, ordena semelhante attentado de uma nação contra sua propria existencia. A primeira lei da sociedade, como a do homem é a da sua conservação. A sentença impia que se ouviu na Europa «morrão as colonias mas salve-se o principio» revela que a philantropia tem, como todos os fanatismos, sua ferocidade. Comtudo a morte da colonia não passava da amputação de um membro. Haverá no Brasil quem exija para salvar o principio, a morte do imperio, a sua ruina total?

E será esse brasileiro?...

A Inglaterra e França não emanciparão a população negra de suas colonias se não se achassem nas condições de proteger efficazmente ali a raça branca. A força moral da metrópole e seu poder militar erão sufficientes para prevenir e suffocar a insurreição. Figure-se qual fora depois da abolição o destino da Jamaica ou da Martinica abandonada por suas respectivas nações!

Os Estados-Unidos, não obstante haverem já estreado de longa data a emancipação, só a completarão recentemente, quando sua população livre excedia cerca de oito vezes a escravatura. Segundo o recenseamento de 1860 sobre trinta e um milhões de habitantes, quatro apenas erão captivos. Nessa porporção o antagonismo de raça se attenua; quando não se desvaneca pelo respeito natural da pequena minoria inferior em todo o sentido.

Entretanto o facto da abolição do trabalho escravo no sul da confederação, decretado por violenta guerra civil, ainda não se deve considerar consuminado. A miseria e a anarchia apenas começam a desdobrar-se naquelle paiz, hontem florescente; ninguem sabe das scenas de horror que porventura servirão de peripecia ao drama sanguinolento.

O Brasil está muito longe de uma situação favoravel como aquella. Sobre uma população de dez milhões de habitantes um terço é de captivos, resão os calculos mais restrictos. Segundo o relatório da sociedade abolicionista de Inglaterra o censo da escravatura no universo em 1850. dá-se ao mesmo tempo um algarismo superior ao da União-Americana. Havia ali então 3,178,000 escravos; nós tinhamos 3,250,000. Concedendo que a população escrava dobre em um periodo de 50 annos, periodo longo para o clima, ella se elevaria hoje á cerca de

quatro milhões ou 3,900,000 sem contar a importação dos mezes que ainda durou o trafico depois de 1850.

E' certo que no sul dos Estados-Unidos, area da escravatura, esta se achava em igual proporção; cerca de quatro milhões sobre um total de dez. Foi por esse motivo que o sul em peso, como um só homem se levantou contra a abolição. Foi o norte com seus treze milhões de habitantes livres, que exigio a reforma e a impoz.

Os algarismos são na phrase do escriptor especialista, que já referi, testemunhas impassiveis; relatão a verdade, sem deixar-se influir da paixão e interesse. Esse mesmo testemunho imparcial da estatistica, invoco eu agora, em favor do imperio ameaçado de uma grande calamidade.

Ha alguém de boa fé que aconselhe a emancipação em um estado, cuja população não tem a capacidade sufficiente para sopitar o elemento subversivo? Não equivalera semelhante desatino, á loucura do homem que lança fogo ao morteiro, para abafal-o com a mão?

Dois individuos attentos ás suas occupações, confiados na protecção das leis, são acaso força bastante para conter a sanha de um inimigo, irritado pela anterior submissão, movido por instinctos barbaros, e exclusivamente preocupado d'esse dosignio sinistro, que elle suppõe seu direito, e considera justa reparação de um agravo?

Nas dobras d'esse futuro sombrio, o espirito mais firme se desvaira. Melhor é distrahir-o de semelhante perspectiva.

Ainda outro algarismo, que vem depôr como testemunha neste processo da emancipação precoce. Em 1859 a escravatura dos Estados-Unidos se distribuia por 347,525 possuidores. D'esse numero apenas 7,929 possuem mais de cincoenta escravos; entretanto que os proprietarios de um até dez escravos montavão a 254,268.

No Brasil não se levantou ainda, que eu saiba, qualquer estatistica ácerca d'este objecto. Pretende-se legislar sobre o desconhecido, absurdo semelhante ao de construir no ar, sem base nem apoio. Alguns factos porém muito salientès, que por si mesmos se manifestão independentes de investigação, podem fornecer dados para um paralelo, embóra imperfeito.

E incontestavel que a maxima parte da nossa escravatura se concentrou depois da extincção do trafico nas provincias do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas, Rio Grande do Sul, Bahia e Pernambuco. Pode-se affirmar que nesta area está actualmente circumscripto esse elemento do trabalho em nosso paiz.

A proporção local de um terço deve pois dilatar-se nestas seis provincias á medida que se restringe em outras, de onde com o tempo foi emigrando a escravatura. Com effeito se em nove provincias, Amazonas, Pará, Piauhy, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, S. Catharina,

Goyaz e Matto-Grosso, cujas informações estatísticas discriminão a condição, ha annos passados um captivo correspondia termo medio á 40 habitantes, actualmente maior deve ser a differença. Pode-se pois conjecturar que naquella area, onde se condensou o elemento servil, as duas populações estejam ao menos em justa equação. A respeito da provincia de S. Pedro já em 1848 a presidencia o affirmava.

Estes calculos assentão nas melhores informações que possuímos sobre a população do imperio. Recentemente um trabalho recommendavel, publicado a proposito da exposição universal, elevando a população livre do Brasil a 11,780,000 habitantes, reduziu a escrava ao mesquinho algarismo de 1,400,000. Só a provincia do Rio de Janeiro tem aquelle numero ou quasi.

Parece-me nocivo esse desejo de encobrir a verdade ao estrangeiro. Podem perguntar-nos o que fizemos de 3,250,000 escravos que possuíamos em 1850 e do seu accrescimento natural de um terço ou 1,083,333. Onde estarião os 2,933,333 infelizes, que não alforriamos, nem exportamos?

Eis o perigo da simulação; ella apresentaria o captivo de nosso paiz sob um aspecto barbaro e deleterio: assanharia as iras philantropicas dos sabios europêus.

Pesa ainda sobre esta situação grave, um facto. A pequena lavoura não se desenvolveu em nosso paiz. Circumstancias peculiares á agricultura brasileira, exigindo forças consideraveis para o roteio e amanho da terra, obstarão a exploração do sólo por capitaes diminutos. Os principaes ramos de nossa producção, aquelles que provêm quasi exclusivamente do braço escravo, sahem dos grandes estabelecimentos ruraes, engenhos ou fazendas.

Nem sequer portanto as duas especies de população se penetrão e intercalão mutuamente, de modo a neutralisar a repulsão instinctiva de cada uma. Na area das seis provincias mencionadas, destacão-se aquellas agglomerações de escravos que solvem a continuidade da outra casta; e formão nucleos poderosos de insurreição, comprimidos unicamente pelo respeito da instituição.

Rompa-se este freio, e um sopro bastará para desencadear a guerra social, de todas as guerras a mais rancorosa e medonha.

Julgues que seja uma gloria para vosso reinado, senhor, lançar o imperio sobre um volcão? Ainda quando a Providencia, que tem velado sobre os destinos do Brasil, tirasse incolume de semelhante voragem, nem por isso fora menos grave a culpa dos promotores da grande calamidade.

VIII

Determinar os efeitos reaes dos actos de abolição que succederão-se desde fins do seculo passado até estes ultimos annos, me parece um estudo importante para a solução do difficil problema da escravidão.

Os primeiros estados, que derão o exemplo d'essa medida, foram Pensilvania e Massachusset em 1780, decretando a emancipação gradual. Mais seis estados acompanharão aquella iniciativa á pequena distancia. Em 1820 o censo manifestou que a escravidão estava completamente extincta nessa parte da confederação.

Entretanto o numero dos escravos da União que em 1790, ponto culminante do periodo abolicionista, era de 693,397, apresentava naquella data da extincção em 1820 o algarismo enorme de 1,536,127. Em trinta annos tinha a escravatura mais que duplicado, e sob a influencia de medidas repressivas, como a prohibição do trafico e a emancipação.

O movimento abolicionista estenden-se pelas republicas americanas: Buenos-Ayres em 1816; Colombia e Chili em 1821; Bolívia em 1826; Peru, Guatemala e Montevidéo em 1828; Mexico em 1829; Uruguay em 1843; finalmente a Inglaterra em 1833 e a França em 1848 para suas colonias. Tantos golpes successivos desfechados na escravatura, parece que devião reduzi-la immenso.

Pois a estatística demonstra o contrario. Nesse periodo de cincoenta annos a somma dos captivos foi constantemente crescendo. No principio d'este seculo pouco mais havia de dois milhões de escravos em toda a superficie da America; em 1850 orçava o numero por sete milhões e meio, dos quaes o maior quinhão pertencia ao Brasil e aos Estados Unidos!

Explica-se naturalmente esta apparente anomalia, que tanto acabrunhava a sociedade abolicionista. A escravidão ainda não estava morta; os esforços dos differentes governos para extirpal-a da America erão impotentes. Conseguirão apenas deslocar o trabalho servil.

Quando os estados da União decretarão a extincção gradual, a escravidão refugiou-se naturalmente nos estados proximos onde era mantida; e ali se propagou, de modo a invadir o territorio que d'ella estava isento. Se o norte da União não tivesse margem por onde escoarse a sua população escrava, talvez que a visse refluir sobre si, como aconteceu com a Carolina.

O mesmo serviço prestou o sul da União ao Mexico assim como as colonias de Hespanha, França e Inglaterra ás republicas vizinhas. Advirta-se que nestas, não existindo uma agricultura regular, a escravatura era insignificante no tempo da abolição. De passagem mencionarei uma circumstancia digna de seria meditação. Todas as republicas

abolicionistas forão dilaceradas pela anarchia; enquanto o Brasil se organisava com uma prudencia e circumspecção admiravel.

Não só pela intensidade e volume ganhou e escravidão com aquelles actos de abolição; mas tambem no principio e substancia. Moral como economicamente, a instituição triumphou de seus adversarios; sobretudo depois dos dois ultimos factos, das colonias inglezas e francezas.

O trafico anteriormente frouxo, por causa da superabundancia de braços, desenvolveu-se rapidamente desde 1833; e lançou no Brasil e Cuba milhões de africanos. Por outro lado a instituição se enraizou ainda mais profundamente nos paizes, onde não a attingira o movimento abolicionista.

Nos Estados Unidos não perdurara ella por tantos annos, a despeito da superioridade industrial e numerica do norte e do fervor da propaganda abolicionista, se não fosse a preponderancia que assumira nos espiritos, depois das ultimas e infelizes tentativas. Tambem no Brasil ha muito tempo que a obra da emancipação se adiantara, sem a convicção gerada por aquelles acontecimentos da necessidade indeclinavel do braço africano para a agricultura colonial.

Uma verdade ficou bém averiguada.

Como todas as instituições sociaes que tem radicação profunda na historia do mundo e se prendem á natureza humana, a escravidão não se extingue por acto do poder; e sim pela caducidade moral, pela revolução lenta e soturna das idéas. E' preciso que seque a raiz, para faltar ás idéas a seiva nutritiva.

E de onde principalmente derivava para a escravidão essa limpha e substancia?

Bem o sabeis, senhor. Da Europa, e com especialidade de Inglaterra, França e Allemanha, tão abundantes de philantropos como de consumidores dos nossos productos. Não fomos nós, povos americanos, que importamos o negro de Africa para derrubar as mattas e laborar a terra; mas aquelles que hoje nos lanção o apodo e o estigma por causa do trabalho escravo.

Sem esse enorme estomago, chamado Europa, que annualmente digere aos milhões de generos coloniaes, a escravidão não regorgitaria na America, nem resistira á repugnancia natural dos filhos d'este continente. Mas era preciso alimentar o colosso; e satisfazer o appetite voraz do grande sybarita.

O philantropo europeu entre a fumaça do bom tabaco de Havana e da taça do excellente café do Brasil, se enleva em suas utopias humanitarias, e arroja contra estes paizes uma alluvião de injurias pelo acto de manterem o trabalho escravo. Mas porque não repelle o moralista com asco estes fructos do braço africano?

Em sua theoria, a bebida aromatica, a especiaria, o assucar e o

delicioso tabaco, são o sangue e a medula do escravo. Não obstante elle os sahorea. Sua philantropia não supporta esse pequeno sacrificio de um goso requintado; e comtudo exige dos paizes productores que em homenagem á utopia, arruinem sua industria e ameacem a sociedade de uma sublevação.

Nelles desculpa-se. E' facil e commoda a philantropia que se fabrica em gabinete elegante, longe dos acontecimentos e fóra do alcance da catastrophie por ventura suscitada pela imprudente reforma.

Mas não se comprehende, senhor, que brasileiros acompanhem a propaganda; e estejam brandindo o facho em torno da mina.

IX

A razão social convence os abolicionistas da necessidade de deixar a instituição da escravatura preencher seu tempo e extinguir-se naturalmente pela revolução das idéas.

Mas refractarios á própria consciencia buscão eximir-se á verdade. Alégão que abandonada á si mesma e aos instinctos humanos, será eterna; porque os habitos de indolencia que ella cria na casta dominante, e a ignorancia em que vai sepultando a casta servil; são novas raizes que a instituição de dia em dia projecia no solo onde uma vez brotou.

Não se pode calumniar mais cruelmente a humanidade, senhor. Admira que espiritos possuidos de uma idéa tão degradante da creatura racional, se arroubem em sonhos de um progresso instantaneo. E' pedir muito ao ente, de que se faz tão miseravel conceito.

Se houvesse uma raça infeliz, capaz de permanecer eternamente na escravidão pelo facto de não consentir a outra em emancipal-a; então seria um principio social aquelle absurdo outrora sustentado, da fatalidade d'essa instituição e desigualdade das castas. Não ha porém contestar, todo povo, toda familia humana, acaba cedo ou tarde por conquistar a liberdade como a ave implume por devassar o espaço.

E' a Europa o melhor exemplo d'essa verdade a respeito da escravidão moderna. Não se extinguiu o facto nesse continente, antes de abrogada a lei? Não chegou a instituição ao seu termo fatal, apesar da pretensa indolencia e da ignorancia diffundida na população?

No Brasil mesmo, a despeito da suprema necessidade que mantem esse máo regimen de trabalho, já penetrou na classe proprietaria a convicção da injustiça absoluta do seu dominio. Um espirito de tolerancia e generosidade, proprio do caracter brasileiro, desde muito que transforma sensivelmente a instituição. Pode-se affirmar que não temos já a verdadeira escravidão, porém um simples usufructo da liberdade, ou talvez uma locação de serviços contractado implicitamente entre o senhor e o estado como tutor do incapaz.

A lei de nosso paiz, considera o escravo como cousa ainda ; porém o costume, a rasão publica, mais poderosa que todas as leis escriptas, pois é a lima que as vai gastando a todas e cinzelando as novas ; a rasão publica já elevou o captivo entre nós á condição de homem, embora interdicto e sujeito.

O primeiro direito da pessoa, a propriedade, o escravo brasileiro não só o tem, como o exerce. Permite-lhe o senhor a aquisição do peculio, a exploração das pequenas indústrias ao nivel de sua capacidade. Com esse producto de seu trabalho e economia rime-se elle do captivo: emancipa-se e entra na sociedade. Ahi nenhum prejuizo de casta detrahe seu impulso : um espirito franco e liberal o acolhe e estimula.

O mais sagrado dos contractos civis, o matrimonio, tambem está ao alcance do escravo em nosso paiz. Elle forma sua familia ; o senhor a respeita e a garante. A moralidade que falta ainda, não provém da escravidão, mas da ignorancia peculiar ás classes infimas. Nesse ponto a lia social, ingenua ou captiva, se confunde.

Embora todas estas garantias se tenham estabelecido fora da lei, comtudo a opinião, que de dia em dia robustece, as mantem e consolida. Se a cobiça ou perversidade pesa alguma vez com o rigor do direito sobre um infeliz, a indignação publica immediatamente corrige o desmando.

Os actos de caridade praticados frequentemente em nosso paiz, para arrancar ao captivo victimas da brutalidade e obstar que se rompa o vinculo de familia por um fraccionamento inevitavel de propriedade ; são brados contra os moralistas, detractores da sociedade brasileira.

Que exprime, que revela, essa transformação benefica da escravidão no Brasil, especialmente nos ultimos quinze annos ?

Não estão ahi bem patentes os signaes da decrepitude, os indicios do declinio rapido d'essa instituição em nossa patria ? Não lobrigão já nos longes do horisonte os espiritos de vista larga, a alva de uma completa redempção ; luz serena que surge naturalmente e mais propicia do que o clarão avermelhado de um incendio ?

A decadencia da escravidão é um facto natural, como foi a sua origem e desenvolvimento. Nenhuma lei a decretou ; nenhuma pôde deroga-la. Se a abafarem ainda vivaz, bem pôde ser que só consigão concentrar-lhe as forças para a sua reacção.

Não é menos injusta a outra imputação feita á humanidade, de que o captivo não lima as raças barbaras nem lhes infiltra os raios da civilização.

Uma raça não se educa e instrue como um individuo.

Este é uma particula destacada, que submettida á acção multipli de uma vasta civilisação representada pela generalidade dos habitantes, depressa se lapida. A raça, porém, é massa compacta, que occupa larga superficie e oppõe ao progresso forte resistencia.

Para educar uma raça são necessarias duas cousas: grande capacidade e vigor do povo culto para immergir a massa bruta e insinuar-se por todos os poros: longo tempo para que se effectue essa operação lenta e difficil.

A raça africana tem apenas tres seculos e meio de captiveiro. Qual foi a raça européa que fez nesse prazo curto a sua educação? Com idade igual todas ellas jazião immersas na barbaria: entretanto para os filhos da Nigricia já raiou a luz, e raiou na terra do captiveiro.

E' a verdade. Essa familia do genero humano, em cuja tez combusta a tradição mais antiga do mundo lê um estigma da maldição divina, e eu vejo apenas o symbolo da treva moral em que havia de perdurar: essa familia infeliz, esteve sempre condemnada ao desprezo e ao animalismo, desde Cam, seu progenitor, até Colombo que a devia remir descobrindo a America, sua terra de promissão.

Haity, São Domingos, a Liberia, são outras tantas balizas d'essa nascente civilisação africana bebida no novo mundo, durante a peregrinação. As colonias européas, que se fundarão na costa da Nigricia, não tiverão outra origem senão o trafico, umas para o favorecer, outras para o reprimir.

Se algum dia, como é de esperar, a civilisação projectar-se pelo continente africano a dentro, penetrando os povos da raça negra, a gloria d'esse immenso acontecimento, amargue embora aos philantropos, caberá exclusivamente á escravidão. Foi ella que preparou os precusores negros da liberdade africana.

O Brasil, de que mais especialmente devo occupar-me, nossa patria, senhor, não terá concorrido efficaamente para a civilisação da grey humana que submetteu á seu dominio?

Fôra injustiça nega-lo.

Ainda não eramos um imperio, mas nascente colonia, e já davamos ao mundo exemplos sublimes. Um heroe negro inscrevia seu nome glorioso na historia brasileira; seus irmãos o acompanhavão formando esse regimento invencivel que por mais de seculo guardou o nome de Henriques, em memoria do cabo illustre. A munificencia real e a gratidão publica porfiavão nas honras tributadas á esses bravos.

Desde então, não se enriquecem diariamente as classes mais distinctas de nossa sociedade com os talentos e as virtudes dos homens de côr? Se os primeiros negros, que em 1440 forão dados em resgate

á Portugal, ficassem nos patrios areas, não contaria a raça africana entre seus descendentes cidadãos illustrados, porém só magotes de brutos, como os que feiravão os reis de Congo e de Loanda.

Se nossa população fosse mais compacta; se a immigração a tivesse abundantemente nutrido; se não protelasse tanto o ciume da metropole nosso tirocinio colonial; os resultados da educação pelo captiveiro serião ainda mais brilhantes. Teria a raça européa amplitude bastante para absorver em seu seio a escravatura, disseminar rareando-a por todo o paiz, e assim melhor desbasta-lhe a ruzidez.

Mas, senhor, meio seculo de tempo e dez milhões de habitantes para este immenso imperio, o que são ?

Um atomo no espaço; um bochecho d'agua no oceano.

Nada mais.

D'estes exemplos succulentos se nutre a minha profunda convicção da natural e não remota extincção da escravidão em nosso paiz.

A época precisa não é dado ao publicista averiguar, e ainda menos ao legislador decreta-la. Depende do incremento da população, que é o principio regulador da origem, como do termo da instituição.

Povos guerreiros, mas escassos, servirão se da escravidão como uma leva de operarios e um augmento artificial de população. A' medida que avultava o numero dos habitantes livres, o captiveiro foi decahindo. Em chegando a absorpção, o escravo torna-se traste de luxo, de instrumento industrial que era. Nesse periodo extremo, o odioso envolve a instituição e a soffoca. O labéo então reverte para o senhor; a infamia é para esse titulo despresivel.

Quando o nivel da população livre sobre a escrava se elevar consideravelmente, de modo que esta fique submersa naquella, a escravidão se extinguirá logicamente no Brasil. Ella entrará naquella phase de luxo e aversão. Até então, porém, é um elemento essencial do trabalho neste vasto paiz.

20 de Julho de 1867.

ERASMO.



AO IMPERADOR

NOVAS CARTAS POLITICAS

DE

ERASMO

QUARTA CARTA

(SOBRE A EMANCIPAÇÃO)

SENHOR

Não estranhareis, senhor, que me alongue em assumpto de si tão vasto.

Livros, não cartas, reclamava seu completo desenvolvimento. Mas se em outro tempo fallião-me as forças para tal empenho, mingúa a vontade agora. Já não tenho espirito para o estudo, pois todo é presa da afflicção e tristeza nestes dias de tribulação.

Permitti-me pois que discorra á discricção da idéa.

O nível da população livre sobe pelo augmento d'esta, como pela reduccção da escravatura.

Esta reduccção motiva um dos aleives levantados pelos philantropos contra a instituição. Dizem que a especie humana não se multiplica no captiveiro; nobreza que partilhão algumas especies irracionais. A comparação basta para espancar o sophisma. A vida selvagem e a polygamia devião ser para o genero humano, como para o animal, o estado mais prolífico.

Que a escravidão fosse esteril, no Oriente onde se mutilavão os homens, e arrebanhavão as mulheres em serralhos, não se contesta.

Mas na America, onde a raça africana longe de degenerar, ao contrario se temperou sob a influencia de um clima suave; negar a sua espantosa reproducção, seria uma cegueira pertinaz.

Quem ignora a industria da criação de escravos que tamanho desenvolvimento alcançou nos Estados-Unidos e abasteceu exclusivamente desde o principio d'este seculo o mercado do sul? O trafico foi ali insignificante desde 1808; a maior importação, a que se fez depois de 1843 para o Texas, essa mesma não avultou.

Entretanto a marcha ascendente da escravatura americana sobre esta escala admiravel.

Em 1790 a existencia era de 693,397. Em 1800 de 892,400, crescimento de 28%. Em 1810 de 1,190,930, crescimento de 33%. Em 1820 de 1,536,127, crescimento de 29%. Em 1830 de 2,007,913, crescimento de 31%. Em 1840 de 2,486,138, crescimento de 24%. Em 1850 de 3,178,055, crescimento de 29%.

Onde se viu uma tão espantosa reproducção da especie humana?

O menor periodo para a duplicação da população europeia é de 34 annos, em Bade. Na mesma União-americana, a população do Norte a pesar dos subsidios importantes da immigração, só dobra por quarteis de seculo.

O Brasil não tem estatistica, para que os numeros, inflexiveis dialecticos, exhibão a mesma irrefragavel evidencia da vasta reproducção da raça africana. Mas cada um de nós tem a prova no seu lar, que povoão as crias, não obstante o mau vezo das mães nas grandes cidades.

De resto cumpre advertir em uma circumstancia. A licença dos costumes prepondera na escravatura, como nas classes infimas da sociedade, que vivem com ella confundidas. Na parte livre porém os fructos d'essa desordem accrescem; emquanto escapão á parte escrava. O vigor prolifico do homem captivo não aproveita á sua casta; o da mulher mesmo em larga porção entra na população livre, ou pelas casas de expostos e alforrias no baptismo, ou pelo resgate frequente do pae ingenuo.

Tranquillisem-se os philantropos; a escravidão no Brasil não esterilisa a raça nem a dizima. A redução provém d'esses escoamentos naturaes, que se operão pela generosidade do senhor, pela liberdade do ventre, e tambem pela remissão. Diariamente esses meios se desenvolvem á medida que sobe o nivel da civilisação com o augmento da classe livre.

Dois são os modos de incremento para a população livre, a geração e a accessão. Limitada a capacidade naturalmente, só tarde conseguira ella atingir a capacidade necessaria para absorver a escravatura, ou

preencher o vacuo deixado por esta. E' necessario que a coadjuve o segundo meio, a accessão, ou incorporação de população estranha.

Essa incorporação pode ser de castas estranhas já existentes no paiz, mas separadas por sua barbaria e condição. Neste caso estão as hordas selvagens dos indigenas que vagão em Amazonas, Matto-Grosso, Goyaz e outras provincias; e tambem a parte emancipada da casta servil, que se annexa e assimila ao todo da população.

A maior accessão de habitantes depois que se desenvolverão as vias de communicacão e a Europa regorgita de população, é sem duvida a emigração. Foi ella que poz termo á escravidão nos Estados-Unidos, e hade operar a mesma revolução no Brasil. Sem esse transbordamento do mundo antigo; sem essa locomoção das massas que a industria facilita; o braço servil teria de laborar por muitos seculos a America.

A emigração é a grande arteria que despeja novo sangue vigoroso no organismo do paiz enervado pelo trabalho escravo. E' ella que restabelece o temperamento da população, e lhe restitue a robustez.

Notai, senhor, que eu fallo da emigração, e não da colonisação: tão fecunda é aquella, quanto esteril esta. A colonisação, se escapa de uma especulação escandalosa, degenera em servidão, oppressiva como a escravidão; e mais turbulenta do que ella; já a chamarão e com justiça, escravidão branca.

A proposito de emigração, quero apresentar-vos, senhor, uma consideração triste.

Filhos da velhice de um povo, educados neste canto do mundo sem ar e sem luz, sem o ar da liberdade e a luz da civilisação; conquistamos nossa independencia em 1823, quinze annos apenas depois que cessou a nossa clausura com a franquia dos portos ao estrangeiro.

Entrando na sociedade das nações, tomamos logo, do primeiro passo, lugar entre as mais livres. Ainda na phase agitada da organisação, conseguimos não obstante desenvolver nossos recursos, e trilhar a senda do progresso. Emquanto em torno de nós, as republicas de origem hespanhola erão dilaceradas pela anarchia, o imperio se consolidava pelo trabalho.

As provas de honestidade que deu o paiz nascente no instante de sua emancipação, indemnizando Portugal de uma parte de sua divida, não se desmentirão. Apesar das perturbações inevitaveis de suas finanças mal organisadas, o Brasil foi sempre um estado probó, que honrava sua firma nas praças da Europa.

Um espirito liberal á respeito da nacionalidade animava o povo brasileiro, e sua legislação. Offerecemos hospitalidade cordial á todas

as religiões, como á todas as escolas; e isso no tempo em que estas idéas de liberdade e tolerancia não erão acceitas por muitos dos principaes paizes da Europa. A naturalisação dependia de facil processo; e a constituição (art. 6, § 4º) hoje infelizmente interpretada, nacionalisava a prole do residente estrangeiro.

Entretanto, senhor, que fazia a Europa enquanto envidavamos esforços para mostrar-nos dignos da civilisação? Enviava-nos acaso as sobras de sua população industriosa, á mingua de recursos, para coadjuvar a obra de nosso desenvolvimento, fartando-se na abundancia d'este solo?

Oh! que não! Prescindindo de nossos irmãos de origem, os portuguezes, que vinhão trazidos por tantas affinidades; só apparecia no Brasil de outras nações, certo numero limitado de commerciantes, que estacionavão na cidade, e alguns viajantes que retribuião nossa cordial-hospitalidade com a maledicencia. Parva satisfação de ridicularisar uma sociedade infantil, como se as crianças nascessem fallando; e os povos, já civilisados.

A Germania, essa grande fabrica de homens, *humani generis officinam*, como a chamou Jornandez, arrojava o alluvião de sua raça opulenta para a America do Norte. O Brasil, se quiz, teve de pagar bem caro alguns centos de colonos que não indemnisarão com seu trabalho o mal que fizerão á nossa reputação suas queixas injustas.

Que decepções temos soffrido, senhor. O homem do norte, o puro saxonio, o athleta da industria, portento de actividade, em aportando ao Brasil parece que perde seu espantoso vigor e cahe n'uma prostração incomprehensivel! Para fazer d'esse individuo um trabalhador é preciso agasalhar-o bem, abrir-lhe boas estradas para que penetre no interior, e ali preparar-lhe a casa com todos os aprestos necessarios á uma commoda existencia.

Entretanto o filho da raça latina, o explorador portuguez, nos tempos coloniaes, arrojava-se destemidamente ao deserto; levava consigo não sómente seu caminho, que elle abria atravez da floresta; como sua casa que levantava com algumas palmeiras no lugar escolhido. Assim forão creadas as nossas povoações do interior.

Dirão que havia na America do Norte muitas attracções para chamar os europeus: a lingua, a indole, a religião, os usos. Não o contestamos. A emigracão é uma corrente entre a Europa e a America. São baldados os esforços para desviar seu primeiro curso antes do praso. Quando os Estados-Unidos abarrotarem de população, o Brasil receberá os transbordamentos.

Mas se não nos arrogamos o direito de pedir contas á Europa

do destino de sua emigração, e do vacuo immenso que deixa neste imperio; se nos resignamos a caminhar gradualmente com os subsidios do nosso velho Portugal; parece que deviamos estar isentos dos reproches da philantropia européa a respeito da escravidão.

Com effeito, quem manteve a escravidão no Brasil desde a nossa independencia? Quem desenvolveu o trafico depois de 1835? Quem especialmente depois da extincção d'aquelle commercio illicito em 1852 conservou o trabalho escravo em nosso paiz?

A Europa, e sómente a Europa. E' a verdade, senhor; e eu sinto não ter uma d'essas vozes, que o génio faz estrondosa, para repercutir bem longe, no seio do velho mundo, velho moralista á guisa de Epicuro.

Se aquelle grande viveiro de gente houvesse nestes ultimos quinze annos enviado ao Brasil um subsidio annual de sessenta mil emigrantes, numero muito inferior á immigração americana, a escravidão teria cessado neste paiz. Venha ainda agora esta torrente de população, e em vinte annos ou menos, affirmo que o trabalho escravo estará extincto no imperio, sem lei abolicionista, sem commoção nem violencia.

Prevejo o subterfugio por onde se hão de escapar. Dizem que a escravatura repelle a immigração branca; e citão o exemplo dos estados do Norte da União Americana em paralelo com os do sul. Erro completo. A avultada immigração d'aquelle parte da Confederação foi causa e não effeito da abolição da escravatura. A theoria de repulsão do trabalho livre pelo escravo é um grande absurdo. Valeo mesmo que a torrente, força activa e energica, dizer á terra, á resistencia inerte, — « retirai-vos que eu quero passar. » A onda cava e abre seu alveo; é o que faz o trabalho livre em paiz de escravos. Assim já vai succedendo no Amazonas, Ceará, Rio Grande do Norte e outras provincias.

Portanto, em vez de consumir seu tempo á calumniar nossas intenções e deprimir os costumes brasileiros, melhor promovera a philantropia européa suas vistas humanitarias, occupando-se em desvanecer as injustas prevenções levantadas contra o imperio americano.

Não é ao monarcha do Brasil, á vós, senhor, que se devia dirigir a sociedade abolicionista de França: a causa moral e economica do trabalho livre está ganhã ha muito tempo em vosso espirito e coração, como na consciencia de vosso povo. A applicação é sómente o que falta, para a tornar uma realidade neste paiz.

Se o Sr. Labonlaye, visitasse o Brasil; havia de palpar esta verdade.

Não depende de nós, que não fabricamos população, mas dos emigrantes unicamente, a applicação do trabalho livre no Brasil. A' elles pois, aos europeus, convença a sociedade abolicionista da necessidade de buscarmos nosso paiz, a fim de alliviar a humanidade da pecha da escravidão. Estabeleção a propaganda neste sentido : mostrem ao Interesse individual, o imperio como elle é, e darão ao grande principio da liberdade um triumpho generoso e incruento. A escravidão cahirá, sem arrastar á miseria e á anarchia uma nação joven.

XI

Ha um terror panico da unanimidade, que assalta os espiritos fracos.

Essa resistencia da unidade contra a multidão os apavora e acabrunha. Abatem suas convicções á pressão da totalidade; e deixão-se arrastar atados á cauda do prejuizo, como da verdade.

A causa da emancipação em nosso paiz fez caminho rapido por este meio, graças áquelle panico. Muitos espiritos se assustarão seriamente com a idéa de que o Brasil era actualmente o unico paiz onde a escravidão existia no seio mesmo da patria, sem o character colonial; e brevemente seria talvez o unico onde vivesse uma instituição universalmente execrada.

Esta idéa, bem ataviada pelos philantropos, devia commover o animo nacional. Nenhum povo brioso consentiria em ficar na ultima fila das nações cultas, quasi confundido com os estados semi-barbaros do Oriente, objecto de aversão para a humanidade. No desiguiio de resguardar-se de semelhante humilhação, ninguem, homem ou povo, hesitaria em sujeitar-se aos maiores sacrificios.

Será verdade porém, senhor, que a escravidão reduzida exclusivamente ao Brasil, o arraste á aquella posição aviltante? Daremos nós prova de barbaria e iniquidade mantendo a instituição apezar de sua completa abolição no resto do mundo?

Decididamente, não.

Antes de qualquer consideração, não se esqueça a natureza da escravidão em nosso paiz, tal como a fizerão, acinte da lei, os costumes nacionaes e a boa indole brasileira. A condição do nosso escravo comparada com a do operario europeu, é esmagadora para a civilização do velho muudo.

Os Estados-Unidos, nação poderosa, com perto de um seculo de existencia politica, e um desenvolvimento espantoso da industria, só agora conseguirão extirpar o trabalho escravo do sul de seus estados. As mais poderosas nações da Europa, Inglaterra e França, grandes já

quando estavamos no limbo do desconhecido, só neste seculo e no segundo quartel, obtiverão purgar suas colonias do elemento servil.

Ao Brasil pois é que se hade estranhar a demora neste supremo esforço, quando ainda está elle na infancia, contando apenas quarenta e quatro annos de existencia politica depois de tres seculos de isolamento e abandono?

Tanto vale escarnecer da criança porque não se tornou homem ainda !

Não temo, senhor, para nossa patria, que lhe venha deshonra de conservar a escravidão por algum tempo ainda depois de geralmente abolida. Seremos os ultimos a emancipar-nos d'essa necessidade ; mas há quem possa atirar-nos a pedra por esse peccado da civilisação ?

Se esse povo existe, de consciencia limpa, elle que se levante.

Será acaso a França ?

Não é possivel. A França que aboliu a escravidão de suas colonias em fins do seculo passado, no momento em que fazia ao mundo a pomposa declaração dos direitos do homem, e retractou-se restabelecendo-a poucos annos depois para só extingui-la em 1848 ; a França não tem o direito de levantar a voz neste assumpto. Conservar escravo o homem que nasceu tal é uma instituição ; reduzir á escravidão pessoa livre é um crime.

Será acaso a Inglaterra ?

Oh ! Essa menos que nenhuma outra ! A' soberba indignação britannica, permitti-me oppor a palavra sensata de um homem illustre, que se foi máo politico, em sentimentos christãos ninguem o excedeu. Chateaubriand defendendo sua patria contra a philantropia ingleza, como eu agora defendo a minha contra a philantropia franceza, escreveu o seguinte :

« A Inglaterra tinha medo que o trafico de africanos, á que ella renunciara com pezar, cahisse nas mãos de outra nação ; queria forçar França, Hespanha, Portugal, e Hollanda á mudar subitamente o regimen de suas colonias, sem indagar se estes estados havião chegado ao grão de preparação moral em que se podia dar liberdade aos negros, abandonando ao contrario á graça de Deus a propriedade e a vida dos brancos ».

Em seguida recorda, como todos os torys illustres, Londonderry, Wellington, Canning, durante trinta annos adversarios firmes da moção de Wilberforce ; de repente se havião electrizado pela liberdade dos africanos ; porque essa liberdade era a ruina completa das colonias e navegação das nações maritimas, suas competidoras. O egoismo se embuçara com a philantropia.

A Inglaterra, que no tempo de Comwell tolerou a venda de escravos

brancos na America; e ainda hoje admittie o chicote como instrumento de castigo em sua marinha, depois de haver prohibido no art. 17 do bill abolicionista de 28 de Agosto de 1733, a respeito do negro, essa pena «que degrada a dignidade humana»; a Inglaterra devia rasgar quanto antes o bill Aberden, que é antes uma nodoa viva no seu passado do que uma prepotencia contra uma nação fraca.

Se estas duas nações não podem lançar-nos a pedra, menos qualquer outra da Europa. O velho mundo tem em seu proprio seio um sancro hediondo que lhe róe as entranhas: é o pauperismo. O aspecto repugnante d'esta miseria em que jaz a ultima classe da sociedade, a degradação d'essas manadas brutas, apinhadas em esterquilinios; rebaixa e avilta a humanidade mais do que a antiga escravidão.

Valem-se os philantropos, apanhados em flagrante, da liberdade e encarecem este dom além da realidade. Se a independencia fosse o destino do homem, o selvagem seria o mais civilisado e proximo da perfeição. A liberdade é o meio, um direito; o fim é a felicidade, e l'esta o escravo brasileiro tem um quinhão, que não é dado sonhar ao proletario europeu. De que serve ao paria da civilisação a liberdade que a lei consagra por escarneo, quando a sociedade a annulla fatalmente por sua organisação, creando a oppressão da miseria?

Se não ha na Europa, devorada em suas entranhas, haverá acaso na America, povo que nos lance a pedra?

Por ventura os Estados-Unidos orgulhosos da recente abolição? Não creio. Era preciso esquecerem as atrocidades ali commettidas contra os escravos; as caçadas de negros a dente de cão; os prejuizos selvagens de raça; emfim todo esse cortejo odioso da escravatura americana, da qual por crassa ignorancia, dividem com o Brasil a responsabilidade.

Os Estados-Unidos tem bastante em que se occupar com o fermento de suas paixões politicas, e o alluvião de uma escravatura recentemente liberta; para se darem á utopias philantropicas, enlevo dos espiritos devolutos.

Serão as republicas da America que nos exprobem a conservação da escravatura?

Talvez, porque não podem soffrer a superioridade do imperio. Abolindo no momento da emancipação o trabalho servil, esses povos emriagados de liberdade, suffocarão sua pequena industria, especialmente sua lavora rudimentaria. A agricultura é um elemento essencialmente conservador; eliminando-o as republicas americanas se abandonarão.

Esses paizes convulsos, laborados pela guerra civil, consumidos pela febre revolucionaria, talvez reprochem ao Brasil haver seguido outra

direcção. De feito o imperio resistindo ás seducções da liberdade, preservou sua agricultura Graças á este esforço pôde mostrar-se probo e sisudo, honrando sua firma na Europa ; e assegurando á seus filhos uma patria nobre e digna.

Uma só pagina da historia das republicas do centro e sul da America, é bastante para calar a voz que se levante ahi contra a escravidão no Imperio.

Caminhe pois o Brasil desassombrado. Não se deixe tomar de panico ante a opinião geral. Em todos os paizes, ainda os mais civilizados, ha uma ultima raiz do passado ; entre nós é a escravatura, como na Europa é o pauperismo.

XII

E' o momento de considerar a abolição á respeito da forma e da oportunidade.

Contra as considerações que desenvolvi, sem duvida surgirão em vosso espirito objecções deduzidas do projecto em via de elaboração. Não pretende o governo a abolição immediata, porém sim depois de finda a guerra. Nessa mesma occasião a medida não será instantanea, porém gradual e á longo prazo.

Assim previne-se o risco de um grande abalo na sociedade, e modera-se a perturbação economica. A substituição do trabalho servil pelo trabalho livre se realiza proporcionalmente ; á medida que um se retrahê, o outro se dilata. Meditei todas estas razões e muitas outras que se podem produzir em favor do systema.

Não hesito porém ; eu o condemno.

Se um governo desconhecendo a natureza da escravidão, se propõe extingui-la pôr acto legislativo ; neste caso sempre desastroso, eu lhe aconselhara antes o meio prompto, subito, instantaneo, como uma calamidade menor. Era uma amputação dolorosa ; se o enfermo não succumbisse, a chaga iria cicatrizando, e elle ficaria mutilado, porém tranquillo.

Mas essa operação lenta, excessivamente dolorosa, torna-se insupportavel : quanto mais longa, mais perigosa. A sociedade não pôde permanecer dez ou vinte annos em guarda constante contra a insurreição minaz que uma faisca basta para levantar. A commoção causada pôr esse perigo surdo, mas presente á toda hora, perturba a existencia de um povo.

E' illusoria a esperança de uma substituição lenta. No momento em que plainasse sobre o paiz una lei de emancipação qualquer ; toda a

casta sujeita se collocaria á sombra d'ella, para deduzir d'ahi seu direito indisputavel. Pouco importavão as condições; tudo se resumia no grande principio, no reconhecimento, solemne de sua liberdade.

Desvanecido o prestigio da instituição, cada um d'esses individuos seria um adversario disputando seu direito ao oppressor; e coagindo-o a consagral-o em sua plenitude. A geração nova, libertada no ventre, era a primeira a revoltar-se para arrancar ao captivo seus progenitores. É quem teria o direito de estranhar nelles o estímulo nobre do amor filial?

Não esqueção as simulações. Já tivemos o exemplo a respeito do trafico: todos os individuos novamente importados erão lançados á conta do tempo em que era licita essa aquisição. Assim hão de retroagirem ao captivo os nascimentos acontecidos já no periodo de liberdade. Mais um elemento para a combustão.

A Inglaterra adoptou á respeito de suas colonias o systema gradual. Creou um estado intermedio entre a escravidão e a liberdade, que designou com o nome de aprendizagem, durando entre quatro e seis annos. « Transição perigosa, diz Cochin, que expunha as colonias á desordem, a propriedade á ruína, a liberdade á uma derrota sangui-nolenta e onerosa. » (Vol. I, pag. 377).

Com effeito se não fosse o grande poder da Inglaterra, vigilante e alerta durante essa operação arriscada, a explosão da liberdade, imprudentemente agitada, mas não desabafada, houvera exterminado as colonias. Assim mesmo, sob o systema de protecção da metropole, a convulsão durou annos, e tomou algumas vezes aspecto medonho.

Que será do Brasil, senhor, em uma crise semelhante, não fóra da influencia d'ella, mas no foco mesmo da agitação, atribulado pelo mal interno, obrigado á attender á todos os perigos, sociaes e politicos? Já lançastes, senhor, vosso espirito á essa terrivel conjectura, e sondastes estes refolhos dos acontecimentos?

Confesso-vos que essas profundezas do futuro me causão vertigens.

A unica transição possivel entre a escravidão e a liberdade é aquella que se opera nos costumes e na indole da sociedade. Esta produz effeitos salutaes: adoça o captivo; vai lentamente transformando-o em mera servidão, até que chega á uma especie de orphandade. O dominio do senhor se reduz então á uma tutela benefica.

Esta transição, fóra preciso cegueira, para não observal-a em nosso paiz. Viesse ao Brasil algum estrangeiro, desses que devaneião em sonhos philantronicos nas poltronas estufadas dos salões parisienses, e entrasse no meio de uma familia brasileira. Vendo a dona da casa, senhora de primeira classe, disvelar-se na cabeceira do escravo enfermo; elle pensaria que a philantropia já não tinha que fazer onde morava desde muito a caridade.

Estudando depois a existencia do escravo, a satisfação de sua alma, a liberdade que lhe concede a benevolencia do senhor ; se convenceria que esta revolução dos costumes trabalha mais poderosamente para a extincção da escravatura, do que uma lei porventura votada no parlamento.

Todas as concessões que a civilisação vai obtendo do coração do senhor, tímão a escravidão sem a desmoralisar. O escravo não as erige em direito para revoltar-se, como succede com os minimos favores de uma lei ; ao contrario tornão-se para elle beneficios preiosos que o prendem ainda mais á casa pela gratidão. Esse captivo, se fôr libertado, permanecerá em companhia do senhor ; e se tornará em criado.

O liberto por lei é inimigo nato do antigo dono ; foge a casa onde nasceu. O odio da raça que se havia de extinguir naturalmente com a escravidão, assanha-se ao contrario d'ahi em diante. Tal será a sua ferocidade que uma casta se veja forçada pelo instincto da conservação á exterminar a outra.

Bem sabeis, senhor, a sorte deploravel dos captivos que por sua morte Washington deixou libertos. Perecerão na miseria. Não ignoraes tambem que Jefferson, entristecido com estes exemplos, não se animou á realizar de plano sua idéa da emancipação geral, limitando-se a preparar a pela reexportação dos africanos, de que procede a actual republica da Liberia.

Não resta duvida. A abolição gradual é mais nociva do que a abolição instantanea. Para esta a nação concentra suas forças durante a operação, e repousa logo do grande choque. Ha perigo, e perigo serio, mas rapido, passageiro.

Entretanto, senhor, se neste assumpto confio principalmente na revolução intima dos costumes e idéas da sociedade, não descreio comtudo da acção da lei sabia, que exerce nos preconceitos uma influencia benefica, por isso mesmo que é indirecta e branda. Como vicio constitucional do imperio, não póde a escravidão ceder á remedio : mas convém submettel-a á um certo regimem, á uma hygiene administrativa.

Carece de grave meditação o complexo de medidas tendentes á preparação móral e economica do paiz para o trabalho livre. Se eu nutrisse esperança de que minhas idéas á este respeito captarião vossa attenção, as explanara de certo. Poupo ao meu espirito mais um desgano.

De todas estas considerações que aponte, e que bem desenvolvidas davão materia para um livro, a summa é esta :

Para a casta sujeita, ainda não educada, a emancipação nas circums-

tancias actuaes, é um edicto de miseria pelo abandono do trabalho, e de extermínio por causa da luta que excita entre as duas raças.

Para a casta dominante, especialmente a agrícola, importa a ruína pela deserção dos braços e impossibilidade de sua prompta substituição; importa igualmente o perigo e sobresalto da insurreição imminente.

Para o estado significa a bancarrota inevitavel pelo aniquilamento de sua primeira industria, fonte da riqueza publica; e como consequencia o credito nacional destruido, a nossa firma deshonrada no mercado estrangeiro.

E chama-se á isto philantropia? E' esta oblação feita da melhor substancia nacional, amassada com lagrimas e sangue de uma população inteira, que se deseja votar á caridade?

Rio, 26 de julho 1867.

ERASMO.



AO IMPERADOR

NOVAS CARTAS POLITICAS

DE

ERASMO

QUINTA CARTA

(SOBRE O DONATIVO IMPERIAL)

SENHOR

Resolvestes desde já ceder para as urgencias do estado a contar de março vindouro a quarta parte de vossa dotação.

Dirigistes para este fim uma carta ao Sr. Zacharias, que a leu perante a camara dos deputados com a devida solemnidade.

Creio que o nobre presidente do conselho figurou ahi como simples órgão da nação, a quem naturalmente se referia vosso pensamento, praticando esse acto de abnegação.

Como cidadão, que ainda me consentem ser d'este imperio, e um dos contribuintes do orçamento, tenho uma parte, embora tenuissima, na vossa generosidade. Não devo pois conservar-me indifferente.

Já a imprensa em nome da opinião publica vos retribuiu com bonitos e merecidos elogios. No parlamento a leitura de tão importante documento foi saudada com ferventes applausos.

Quero eu tambem responder-vos por minha contá propria.

Não acceto, senhor, o vosso donativo; e até vos contesto o direito de o fazer. Se tomais por uma exorbitancia este meu modo de pensar, lêde a constituição, que vos fez imperador.

A dotação, conferida pela nação ao monarcha, bem como aos membros principaes da dynastia, não é uma remuneração de serviços, como o ordenado do funcionario publico.

Pelo trabalho de governar, de certo não vos daria o Brasil oitocentos contos de réis annuaes; e menos ainda os cem contos que recebem as augustas princezas, sem a minima ingerencia no governo do paiz.

E' o decoro do throno e a dignidade da nação, como diz-nos a lei fundamental (art. 108), que determina a dotação. Forão estas razões, inteiramente alheias á vossa pessoa, que elevárão á somma actual o pequeno apanagio de vosso augusto pai.

Assignando a quantia de oitocentos contos de réis para vosso tratamento annual, arbitrou a assembléa geral o gráo de lustre e pompa da corôa brasileira. Desde, pois, que cedeis uma parte d'essa dotação, não alienaes vosso dinheiro ou uma parte de vosso patrimonio; mas sim um quinhão do decoro do throno e da dignidade nacional, cousas que não pertencem ao Sr. D. Pedro II, pois é d'ellas mero depositario.

Póde um empregado ceder em beneficio do estado uma parte ou mesmo todo o vencimento, porque dá do seu; offerta á patria necessitada algumas bagas de suor, algumas horas de fadiga. Mas vós, senhor, vós, cuja existencia inteira foi dedicada á felicidade d'este povo, não tendes o direito de ser prodigo de semelhantes migalhas.

E' sabedoria e prudencia, que a nação espera de seu monarcha e lhe pede com ancias. Quanto ás esportulas pecuniarias, que lhe jogão em paga de sua paciencia evangelica, affirmo que ella as regeita.

O povo brasileiro tem dado provas de nimamente soffredor. Não se contão já as humilhações que elle ha supportado impassivel desde o principio desta guerra. Mas, se esquece seus brios, ainda não desceu felizmente á vileza de os regatear.

Estes duzentos contos, que renunciaes, são muito para vossa casa desfalcada, e sempre mal gerida: são de mais para os infortunios que vossa mão beneficente allivia. São nada porém para a nação oberada com uma despeza enorme e um desfalque estupendo.

Ah, senhor! Se quereis ser generoso para com esta nossa patria, tão desherdada do amor de seus filhos, e tão orphã de seu monarcha, não é atirando-lhe aos centos de contos de esmola que lograreis essa gloria. Não! Será pondo um termo a esse esbanjamento desordenado que tem exaurido todas as reservas do paiz e vai sorver os ultimos recursos do futuro.

Não são os vossos duzentos contos de réis que hão de supprir o vacuo aberto no orçamento por uma administração imprevidente e desasada.

Não ha de ser a quarta parte de vossa dotação que nutra o manancial de ouro já estanque, para de novo despejar aos jorros nas republicas do Rio da Prata.

Não é o vosso obolo que virá garantir o credito publico profundamente abalado e a tranquillidade do imperio brasileiro ameaçado de uma bancarota inanimvel.

Não chega emfim, senhor, a vossa esportula para restituir á familia

do operario e do lavrador a finta onerosa, ou a vida do chefe immolada, não á defesa da honra nacional, seria um dever sagrado, mas ao capricho de alguns indivíduos, o que é uma iniquidade.

De que serve portanto, senhor, privar-vos de certa decencia indispensavel ao throno; ou mesmo da intima satisfação de enxugar uma lagrima e mitigar uma dôr ?

Em vossa mão compassiva e boa de mais esta somma terá melhor destino. Talvez se transformasse nos orvalhos santos da caridade, a rociar as afflicções que penetrao nessa mansão tranquilla de S. Christovão.

A beneficencia é uma das pompas da magestade e prima entre as mais brilhantes; compõe ainda melhor que os esplendores e as galas o decoro do throno. Quando a realcz se unge nesta virtude, mostra-se o legitimo representante da soberania nacional, porque é tambem o representante da Providencia, que inspira o coração magnanimo dos povos.

Fazer da caridade uma especie de attribuição exclusiva da igreja e de seus vigariós, como já pretendêrão no parlamento brasileiro, seria uma extravagancia, se não fosse infelizmente cousa peor; um effeito do grosseiro materialismo que pervade o paiz de todos os lados.

Porventura uma parte d'essa quantia renunciada por vós não tivera aquelle sublime destino, porém um emprego menos acertado, como o de nutrir certas cobiças e vaidades parasitas do throno. Todavia, era apenas uma prodigalidade de vossa parte, uma bondade mal usada.

Entretanto, abandonados ao governo, esses duzentos contos vão ser um foco de immoralidade e corrupção. Carniça atirada ao tempo, que a podridão logo decompõe, não tarda cobrir-se de um enxame de vermes á ceva.

Quanta paixão sordida não vem accender esse punhado de ouro atirado sobre o tapete verde do orçamento? Quanto embuste e mentira não custará ao pudor politico, já expirante, a dissipação d'esta migalha?

Em nome da dignidade do paiz e da honestidade do governo, senhor, retiree o presente funesto!

Se houvesse necessidade real d'essa quantia de duzentos contos de réis, para desempenhar algum serviço indispensavel da administração, ainda assim não carecera o governo da quarta parte de vossa dotação.

Bastava-lhe uma, pequena emissão de titulos ou condecorações para levantar promptamente somma igual, senão superior. Vinte baronatos ou cincoenta commendas, eis, senhor, quanto justamente vale o vosso donativo ao estado.

Que mal faria ao paiz, já tão inçado da praga, mais cincoenta fidalgos despachados pela graça de seu dinheiro? No tempo em que se tirão galés de Fernando de Noronha para confiar-lhes a guarda do pavilhão nacional, torna-se com effeito indispensavel ennobrecer aquelles que não perpetrão roubos nem assassinatos.

A não ser assim, que differença houvera entre um lapinora e um homem bem procedido?

No mesmo instante em que, para dissipar umas baforadas republicanas sopradas lá do Serro, esse decantado Acropole mineiro; o nobre Presidente do Conselho usava de vossa carta, como de um argumento de algibeira, sabeis o que se rumorejava pela cidade ?

Fallava-se na quarta missão extraordinaria, que vosso insigne governo com um genio admiravel acabava de inventar, para ir a Buenos-Ayres consummar a nossa vergonha diplomatica, e desentranhar mais uma guerra do ventre fecundo d'esse monstro chamado a politica platina.

Compreendeis bem, senhor, o alcance e a profundeza d'esta fatal coincidencia ?

Talvez não, porque uma nevoa sinistra de certo tempo a esta parte tolda vossa mente, e lhe empana a reconhecida lucidez. Desde 1863 vêdes o paiz atravez das evaporações maleficas de uma politica desgraçada; a politica da vaidade.

A coincidencia de vossa carta com os boatos de nova missão, tem, senhor, esta medonha significação, que gela a medula do paiz.

No instante em que uma das augustas mãos estende á patria afflictta o obolo de duzentos contos; a outra, obstinada e imprudente, joga na banca politica uma nova cartada de duzentos mil contos, pareo que o povo brasileiro terá de pagar, suando sangue e dinheiro.

Em maio de 1864 uma primeira embaixada se inventou, que partio com apparatus para o Rio da Prata. Não soube então o paiz qual era seu fim. Creio que nem o proprio monarcha brasileiro, ou seu gabinete o sabião; devo crer, senhor, porque a alternativa seria cruel.

Só hoje conhece o Brasil o custo d'essa filigrana diplomatica. Duzentos mil contos já consumidos; e somma igual, senão maior, para continuar a obra prima do progressismo, cujo remate, ficae certo, senhor, ha de ser um grande opprobio, como foi seu principio um grave crime.

Segunda missão foi enviada a Montevidéo. Obteve esta com tino superior aplacar a labareda açulada nas margens do Prata; porém uma centelha voára pelos ares, que produziu a explosão no seio do Paraguay.

A missão Paranhos foi condemnada pelo governo. A logica o exigia. Seu chefe, se não tinha alcançado tudo, conseguira o possivel. Não lhe era dado, nem a outro qualquer, supprimir o passado implacavel e evitar o futuro sinistro que já acodia com espantosa velocidade.

A situação, que em 1863 se gerára no ventre do absurdo, devia para ser coherente punir o importante serviço prestado ao paiz por aquella missão.

Passemos a esponja sobre isto.

Seria nada o arreganho de Lopez se o Brasil fosse Brasil naquelle momento, se o Imperio se possuísse. Mas infelizmente desde maio de 1862, senhor, que o haviéis reduzido a *anima vilis*, á besta destinada para as experiencias de uma nova e incomprehensivel politica.

Que estímulos e dros podia ter uma nação rebaixada á condição miseravel de arcabouço ministerial, para a aprendizagem dos impu-

beres estadistas ? De que exerceções de força e actividade era capaz um povo enervado por governos fracos e completamente alheios á sciencia da administração ?

O gabinete de 12 de agosto, que reprovara o acto diplomático de 20 de fevereiro, sellou com seu nome o documento mais vergonhoso de toda esta guerra, o tratado da triplice alliança. Quando meus olhos perpassão essa pagina.... suja, é o nome ; essa pagina da diplomacia brasileira, sinto torvar-se o animo. Involuntariamente occorre-me a idéa de um homem assalariando no preço da dignidade dois espadachins para instrumento de sua vingança !

Foi este pensamento ominoso que levou a Buenos-Ayres a terceira missão extraordinaria, pomposamente designada pelo vulgo de embaixada. Não é possível calcular seu preço com exactidão, mas estou convencido que ella nos custará ainda mais caro que a primeira.

Em chegando a época da liquidação, quando tivermos de sommar os cheques pagos por conta do credito aberto a duas republicas insolvaveis ; então se poderá orçar o verdadeiro importe d'essa alliança, consignada ao Brasil pelo gabinete de 12 de agosto.

Portanto, senhor, se quereis ser generoso para nossa patria, em vez de reduzir vossa dotação, o que a nada monta, impedi essa quarta missão, que apavora o espirito publico, desde os primeiros e vagos annuncios ; obstaes á nova importação de calamidades que se ha de realizar por meio d'essa embaixada, como se realizou em 1864 e 1865.

Se fizerdes isso, não serão duzentos contos, mas duzentos milhões, que offertareis ao estado. Não poupareis ao Brasil vinte barões ou cincoenta commendadores, que em tanto anda a quarta parte de vossa dotação ; poupareis uma infinidade de vidas, e outra miseria maior, se é possível, sobre esta miseria que nos afflige.

Quereis levar mais longe ainda a vossa generosidade e ser magnanimo e esplendido como costumavão os antigos imperadores da Asia ?

Despedi este ministerio, que o paiz tem pagò com tamanha usura. Cada um dia de sua vida custa mais ao Brasil do que vossos duzentos contos ; porque lhe custa não sómente ouro e sangue, a carne e os ossos ; mas a honra, o brio, a dignidade, cuspidas a todo o instante pela bava da ambição.

Praticasseis vós este esforço, que não serão os applausos da camara encommendada, nem as palavras rituaes da imprensa, a receber essa prova de amor e abnegação de vossa parte. Serião as benções sinceras de todo o paiz, as effusões de uma população inteira, sentindo que a mão poderosa e solícita de seu monarcha a suspendia ás bordas do abysmo onde vai desabar.

Eu vos supplico, senhor, pelo vosso dever primeiro, por nossa patria depois, e pela dynastia finalmente, que vossa pessoa, bem sei não vos preocupa !

Eu vos supplico com todas as potencias de minha alma ; salvai o Brasil, e com elle os penhores de sua integridade.

Não acabaria com meu coração que vos elle pedisse para mim o quer

que fosse. Esquiva-se quanto pôde de o fazer aos que lhe estão iguaes. Mas para minha pátria, para este Brasil tão angustiado, quanto desquerido dos filhos que mais lhe devem; para este imperio, ainda fraco e tolhido, onde eu tenho um cantinho humilde que não trocára pelas maiores celebridades e grandezas do mundo; para este solo, que Deus abençoou e malsinão os homens; não tenho pejo de supplicar-vos, senhor.

Ou vós, ou a revolução. Fóra d'ahi nada existe neste immenso vacuo do presente.

Muitos increpão semelhante insistencia, que não obstante se conservão impassiveis. Estranhão que se peça ao monarcha a salvação do paiz, como se o monarcha fosse inventado para outra cousa, senão para representar a missão de uma providencia nacional. Entretanto elles que censurão, nada obrão, nada absolutamente.

Estaticos á margem dos acontecimentos, que se despenhão do alto e fogem com deslumbrante velocidade; assemelhão-se ás aves aquaticas, taciturnas e sombrias, quando se quedão á beira do rio, com os olhos fitos na correnteza das águas.

As vezes o viajante que devassa estas paragens ouve um pio triste e lugubre a reboar no seio da melancholica solidão. E' o grito sinistro de alguns passaros, que annunciar a boirasca; depois tudo cahe e sepulta-se no profundo silencio; e o rio, toldado pela vasa, continúa a correr em demanda do oceano, tumulto insondavel de quantas catastrophes!

Não encontraes em vossa marcha, senhor, a minima resistencia. Ao sobrecehuo imperial curvão-se as venerandas cabeças dos cidadãos encanecidos no traquejo dos negocios publicos. O senado brasileiro, onde outr'ora se quebrára as ondas revoltas da anarchia, já não oppõe diques á torrente da corrupção. Vosso ministerio pôde apresentar-se ali com os fardões cobertos de sangue brasileiro, e estender a mão, que o conselho dos anciãos lhe abandonará a bolsa do cidadão e os destinos da pátria.

Raros, dous ou tres, se tanto, ficarião immoveis nas curules, como os padres conscriptos quando Cesar lhes pedia a dictadura.

O senado não teme as iras do leão, mas sim a hydra que se enroscá na sombra. Erro fatal que teremos de expiar cruelmente. A única maneira de evitar a revolução da anarchia, que se está cevando com os desatinos da actualidade, seria a revolução da lei, a resistencia constitucional dos poderes do estado a quem a nação confiou a grave e suprema attribuição conservadora.

Negar ao governo pão e agua, recusar-lhe abertamente o orçámento, e abrir a luta franca e leal com a corôa; era a attitude d' senado neste momento culminante. Terieis então de resolver, senhor se as instituições do paiz devião de ser immoladas ao vosso gabinete.

Neste caso a nação ficava sabendo com que podia contar. Cabião as mascaras da comedia constitucional e entravamos em pleno arbitrio. Ou receberieis como Napoleão III a nova investidura nacional, e podieis então dispor d'este Brasil com direito perfeito, como cousa

vossa; ou a nação, acordados os brios da prisca liberdade, vos faria conhecer a sua vontade immutavel, e haviéis de obedecer-lhe como seu primeiro cidadão e seu primeiro subdito.

Mas o senado, em quem estão postos os destinos do paiz, encadeou a revolução legal, e deixou subir o nível da arbitrariedade, e prepotencia. Ha de chegar ás bordas, e extravasar. O que ficará, depois do alluvião?...

Deus o sabe.

Só vós, senhor, tendes em vossa mão o cravo da roda fatal; porque só vós existis neste paiz, como poder, como força, como opinião. E' triste para um cidadão, filho de um povo livre, confessar estas cousas; mas são verdades que transbordão sem querer d'alma, e é preciso que transbordem para não afogal-a.

Se por momentos um homem, uma voz, um echo mesmo, se levanta para oppor-vos, não de frente—quem ousara?—mas de longe, atravez do ministerio, uma resistencia official; é ephemeride politica de breve momento. Dura ainda a surpresa de semelhante energia, que já ella de todo se desvaneceu.

Rumorejão baixo uns susurros mysteriosos. Alludem a certos colloquios; citão-se palavras sybilinas. E toda a população acha natural que o homem se incline, a voz emmudeça e o echo se dissipe.

Tendes, senhor, para tudo, d'aquelles argumentos de que falla D. Basilio: — *certi argumenti à cui non si resiste* —; o dilemma terrivel da pistola e da bolsa; da graça e da desgraça. Nomeaes ministros contra a vontade; alcanças enviar ao Rio da Prata, como embaixadores, pessoas de perfeito juizo, cousa inverosimil. De um homem sisudo, de um character severo, tiraes de repente, não sei por que alchimia, um aventureiro politico ou um estadista poltrão.

Emfim, senhor, fazeis do preto branco: e até aquelle milagre incrível, que excedia á omnipotencia do parlamento inglez, de fazer de um homem mulher, e de uma mulher homem, para vós é nonada.

Mulheres, haveis feito de quasi todos estes cidadãos, que cercão o throno, e em vez de resistir-vos para vos salvar contra vossa propria obstinação, se contentão de chorar constrictas no regaço imperial as miserias da patria, sentindo-se consoladas depois deste desabafo.

Não ha mezes, vimos estadistas illustres, e alguns dos mais famosos sacerdotes da liberdade, empenhados em fazer constitucionalmente um varão de uma senhora, sómente para vos ser agradável. Se não conseguirão de todo, foi porque pairou nos ares uma duvida a respeito do contentamento que vos traria esta fineza.

O ministro de vossa intima confiança, o Sr. Zacharias, com quem estaes em tão perfeita correspondencia epistolar, oppoz-se. Então suspeitarão que a prudencia do rei houvesse derogado a ternura do pae.

Estas divagações, proprias de um espirito alvoroçado, me afastão do assumpto. Ainda vos não disse todo meu pensamento a proposito da vossa carta. Não accrescentou essa generosidade um ponto sequer á vossa reputação. Bem conhecidas e justamente apreciadas são a

singeleza de costumes e a sobriedade de vida, que distinguem o monarcha brasileiro.

Ao contrario pelo modo porque o praticastes, semelhante acto vos prejudicou no animo publico. Não havia necessidade d'essa solemne confissão, feita em pleno parlamento, dos desarranjos da casa imperial. Se vosso desinteressè não estivesse acima de qualquer suspeita, dirião que era um pretexto fornecido para a recusa do donativo.

Sobretudo fostes mal inspirado tornando em galardão a um individuo um acto vosso de patriotismo.

Napoleão III, a quem a França se doou pelo suffragio universal, escreve cartas lisongeiras a seus ministros, e até lhes envia mimos de brilhantes. Mas ainda não se animou a fazer da miseria publica um pedestal á gloria equivocada de Rouher !...

20 de setembro.

ERASMO.



AO IMPERADOR

NOVAS CARTAS POLITICAS

DE

ERASMO

SEXTA CARTA

(SOBRE A GUERRA)

SENHOR

A paz é uma grande vergonha...

O coração brasileiro se congela ao som d'esta palavra cruel. Reflue o sangue açoutando as faces do cidadão brioso, que se estremece pela honra nacional.

A paz é um acto de miseria...

O Brasil, a segundã nação da America, destinado á primazia do mundo, abater seu estandarte ante o arrego de um pequeno despota, quasi selvagem ?

Não ha filho d'este imperio que se não possua de horror ante a possibilidade de semelhante opprobrio.

A paz é uma vilania...

Não tem alma um povo de onze milhões de almas que não ésmaga a insignificante republicueta por falta de um exercito de cincoenta, de cem, de duzentos mil soldados. Povo pusilanime, avaro de seu sangue, e desamparado dô sentimento de sua dignidade !

Eis o que murmura dentro de vossa alma a voz do pundonor, o patrio orgulho.

Mas, senhor, ha cousa peior que a paz. Ha outra vergonha, outra miseria, outra vileza superior á essa. E' a guerra como a tem feito vosso governo.

Não se concebe que o Brasil possa em condição alguma soffrer maiores humilhações, do que tem curtido sob a influencia malefica da politica internacional inaugurada em 1864.

Esta é tambem, senhor, a convicção do paiz.

Entre dous males terriveis, entre a vergonha da paz e a ignominia da actualidade, elle prefere a menor. Dóe-lhe muito deixar incolume a affronta do Paraguay; porém dóe-lhe mais cruamente ainda servir de alvo ao insulto de seus alliados e ao menoscabo do mundo.

A guerra sob a politica dominante tornou-se impossivel. Competetrai-vos bem d'esta verdade, que é implacavel, senhor. Curvemos a cabeça ao peso da fatalidade. Não ha resistir-lhe.

Este gabinete não consegue mais do paiz o exercito indispensavel para o nosso triumpho; não alcança um subsidio sequer de dez mil homens para supprir as fallias de nossos batalhões.

Ponhão em jogo todos os meios, a seducção como a violencia; serão baldados.

Nenhum brasileiro empunhará as armas para submetter-se ás ordens de um general estrangeiro, que escarnece impunemente de nossa patria.

Nenhum cidadão deixará sua familia ao abandono para esterecer nos pantanos do Paraguay, testemunha impotente de nossa degradação.

Nenhum homem de brio arriscará a vida inutilmente para receber em premio de seu heroismo sob a fórma de medalha uma ração de opprobrio e deshonra.

Não ha mais quem sacrifique uma só gota de sangue para defender a dignidade de um paiz, que seu proprio governo é o primeiro a aviltar e prostituir.

Não ha mais quem sinta ferver em sua alma os enthusiasmos generosos da honra nacional, desde que a sepultarão nos archivos de Buenos-Ayres em tratados e notas de perpetuo estigma.

Não ha mais um filho que se estremeça ao grito da patria offendida; porque a patria já não existe. Puzerão no lugar d'ella um mercado de condecorações, um prostibulo da gloria nacional.

Qual nobre estimulo ha de levar agora os brasileiros ao Paraguay?

Tudo se polluo; tudo se profanou. Ao heroico defensor do pavilhão nacional, o Brasil desgraçadamente já não tem outro meio de o distinguir, senão alquilando-lhe o valor e a intrepidez pelo custo de alguns escravos!

A' mocidade generosa que se arrancasse dos commodos da abastança e dos prazeres d'essa floração da vida para correr em defesa do emblema nacional, o lugar nobre que lhe reserva o governo é ao lado do galé, como seu companheiro de grillhão!

Deus! A que profundidade já chegou a perversão do senso moral neste desgraçado tempo?

E o partido que reduziu o paiz a tal extremo, que espancou todos os principios da probidade politica assim como do santo patriotismo, ousa invocar o povo brasileiro, em nome da dignidade nacional, que

elle proprio fria e calculadamente abateu, fazendo tapete d'ella á arrogancia gaucha do Rio da Prata?

Mas ha de ter do paiz a resposta que merece; uma gargalhada de mofa!

A defesa da honra nacional já não está agora nos campos do Paraguay, não. Transferio-se para aqui, para esta cidade, côrte do imperio, coração atrophiado d'este povo infeliz.

D'aqui partio todo o mal; o miasma funesto d'esta guerra; a praga ainda mais terrivel da triplice alliança; todo este ramo de peste enfim, que nos tem custado tantas vidas, tanto ouro, e... o que é mais duro, tantas affrontas!

D'aqui vão ainda e irão as ordens para as constantes humilhações que diariamente chovem sobre o paiz, como para submeter ás provas evangelicas sua admiravel longanimidade.

E por fim, senhor, quando esta politica fatal tiver esgotado a serie extensa das transacções indecorosas, porá a esse trafico da honra nacional, mareada pela ambição do poder, um remate digno da obra: a paz!

Não tenhaes duvida, senhor.

Elles, que actualmente se ehtumecem com a emphase de um fofa patriotismo, e bramão contra a mera possibilidade de pôr um termo digno á interminavel campanha, prescindindo da victoria; elles mesmos serão os mais fervorosos a abraçar-se com a paz, se vissem nella encarnada a sua ambição.

Querem a guerra presentemente, a guerra a todo o transe; porque esta significa o pleno arbitrio, a omnipotencia administrativa, a indulgencia magna de todos os erros e de todos os crimes. A esta palavra magica nada se oppõe; o paiz entregon-se manietado ao governo.

A guerra presta ainda ao ministerio de 4 de agosto um serviço relevante. Apavora os estadistas eminentes que poderião salvar o paiz com seu tino e energia. Ha alguns que repellem até a possibilidade de serem chamados ao poder, porque receião a responsabilidade tremenda d'esta situação.

Esse monopolio do governo, garantido ao actual gabinete, pela repugnancia de uns e incapacidade de outros, é um dos proventos da permanencia d'este estado de cousas. Não convem de fórma alguma aos progressistas mudar a situação, resolvendo a questão eterna.

Mas, senhor, repita o paiz amanhã na praça, em alta voz, o que já vai dizendo em casa, a meia voz, de timão e barrete. Bata o pé ao governo e exija a paz; que o marcial gabinete de 4 de agosto, de prompto conciliador e philantropico, acceitará aquella solução.

Virão a lume os principios da civilização, o amor da humanidade, e toda essa larga provisão de philosophia christã, que tanto servio para as festas da capitulação de Uruguayana. Cantar-se-hia em todos os plectros a victoria incruenta da diplomacia!

Não duvidarião appôr as armas do Brasil com as armas do Paraguay, n'aigum papel com figura de tratado, digno reverso da triplice alliança!

E' possivel que haja brasileiros capazes d'esta enormidade? Mas, senhor, esses de que vos fallo não são brasileiros, são ambiciosos.

Sua patria é o governo; mantendo-se ahí, dão a maior prova de civismo e abnegação.

Eis a que nos conduzirá infallivelmente a insistencia do actual gabinete. No fim de uma campanha vergonhosa, uma paz humilhante. Ao cabo de tantos sacrificios de toda a casta, a consagração da affronta por meio de uma estipulação indecorosa.

Neste caso antes começar pelo fim.

Poupar-se-hia o tempo, o ouro, e até mesmo a dignidade tão longamente enxovalhada. Em vez de formar um livro triste na historia patria, a questão paraguaya ficaria apenas como um ponto negro, que o heroismo brasileiro não tardaria offuscar com os esplendores de outras glorias mais puras e dignas.

Cego e obstinado, o gabinete se recusa á convicção de sua impotencia. Acredita que póde ainda levantar um exercito, e com elle arrebatara por fim o triumpho. Na effusão de regosijo nacional pela justa reparação, esperão os ministros obter da magnanimidade do povo a absolvição de tantos erros.

Como se a historia, implacavel e severa, não os aguardasse nos umbraes da posteridade para precipita-los naquelle nono circulo do Dante onde se convulsão os patricidas.

Esse exercito que se exige do Rio da Prata, e sem o qual parece impossivel desfechar o golpe decisivo, onde o haverá o governo?

Do patriotismo?

Impossivel, repito; porque elle não existe mais, senhor.

Da violencia?

Grande temeridade; collocada a questão nesse terreno, desde que se calão os brios nacionaes, clama o instincto da conservação individual.

Do ouro?

No tempo em que as guerras erão questões dos reis, que as fazião por sua conta, se toleravão os exercitos mercenarios. Combatião pelo capitão que lhes pagava; nada mais justo. Neste seculo porém, tornando-se as guerras questões dos povos, não parece decente que elles confiem a mãos estranhas a defesa de sua honra.

Demais o ouro escassêa; muito ha que o annunciou o thermometro infallivel de Buenos-Ayres. Sobrasse elle porém, que não acharia emprego; carece o paiz d'aquellas sobras de população, ou nacional ou estrangeira, que em falta de outra explorão a industria da guerra.

Apontão outra fonte, como aquella, de onde póde o governo tirar um forte exercito de vinte ou trinta mil homens. Assegurão que a medida já foi resolvida em conselho, e se realizará apenas encerrada a sessão.

São vinte mil contos de réis pelo menos, para um paiz que já lançou mão do papel moeda, na importancia de cincoenta mil, como o unico meio de prevenir a bancarota. E' cerca de um terço mais no presente orçamento, já encerrado com um deficit bem consideravel.

Mas arrede-se a questão de dinheiro, que está na superficie; acha-se no amago a questão maxima, incandescente, medonha, a questão-

cratera, que desde um anno a esta parte está em ebulição no seio do paiz.

Quizera, senhor, dirigir uma só pergunta aos vossos conselheiros aquelles que vos inspirão semelhantes idéas:

Se elles pertencessem a uma casta sujeita, e de repente se achassem investidos da força publica no paiz de sua oppressão; qual seria o primeiro irresistível impulso de seu coração?

Defender a patria alheia, pretendida sua desde a vespera unicamente; ou reclamar igualdade para seus irmãos, seus pais e seus filhos ainda sujeitos?

E' preciso contar com os instinctos naturaes do coração humano e não entregar o gladio da justiça nacional á mão capaz de espedaçal-la para fazer d'elle um punhal contra o imperio,

E os cidadãos privados de repente de sua propriedade, embora mediante indemnisação; as lavouras desertas dos braços que a trabalhavão; os estabelecimentos rurales alvorotados com a execução d' medida; a nova massa recrutavel soffrega por caber toda no limitado algarismo da desapropriação; toda essa perturbação social, toda essa effervescencia das fezes vivas; não é cousa que mereça do govern algum desvelo?

Não é digno do paiz sem duvida esse pacto de sangue com o desherdados da liberdade. Dizer-lhes: « Se quereis ser homens arriscae a vida em defesa d'aquelles direitos, d'aquella independenci e dignidade, de que por necessidade vos privamos. Não quereis se carne para o latego, sede pois carne para o canhão. »

Os manes dos veneraveis autores da constituição devem estremece vendo o uso que esta geração pretende fazer d'aquella sabia e prudente disposição por elles escripta no codigo de nossas liberdades. Nunca pensarão de certo que pudesse ella autorisar tamanha imprudencia.

Escravos combaterão na independencia. Mas como? Por impulso proprio, por entusiasmo espontaneo, esposando a causa de seus senhores. Assim mostrarão-se dignos da liberdade que tão heroicament defendião.

Réos de policia sahirão dos carcerees e pelejarão pela causa do Brasil. Mas porque? Erão réos da liberdade, victimas do despotismo; em hora criminosos, soffrião a oppressão de leis iniquas e barbaras, contra as quaes tinham tambem o direito de combater.

De resto, se houve alguma cousa de censuravel, então, evitemos reincidencia, antes do que alardeal-a. Não façamos de um erro da juventude um crime da virilidade.

Supponho que o projectado exercito de trinta mil homens se levanta marcha para a campanha do Paraguay; e toma de assalto as fortificações de Curupaity e Humailá, aniquilando assim o ultimo reduct de Lopez.

Quando voltasse triumphante aquelle exercito, integralmente composto de outra raça, não teria elle o direito de dizer-nos a todos, a vós como a qualquer cidadão: « Esta patria vos não pertence, pois que não podestes defender. Somos nós, os filhos da victoria, coroados do louros do combate, somos nós os verdadeiros cidadãos do imperio bra

sileiro, que elevamos por feitos heroicos á uma posição respeitavel. Arredai-vos para que tomemos posse dos destinos d'este paiz, ganho por nosso valor. »

E que responder a essa formidavel apostrophe ?

Arcabusal-os ?....

Impedi, senhor, a realisação d'este plano funesto. Não querendo o imperador, nada se faz : o paiz inteiro sabe d'isto e consente. Abandonou-se completamente ao seu monarcha, não pelo suffragio universal, como a França, mas pela geral indolencia. E' uma felicidade para elle haver quem o dispense da fadiga de pensar, de querer e de obrar.

A victoria com semelhante exercito é mais degradante do que a derrota. Antes o Brasil vencido por Lopez, isto é, pelos obstaculos insuperaveis da natureza aproveitados pela arte, do que vencidos pela nossa fraqueza, pelo menospreço da propria dignidade.

Portanto, senhor, se, apesar da desmoralisação do actual gabinete e da impossibilidade de proseguir na campanha, persistis em sustentá-lo, neste caso em nome do paiz, eu vos peço a suspensão das hostilidades.

Mandai que nossas forças recollão ás fronteiras. Uma divisão de encouraçados póde continuar nas aguas do Paraná a hostilisar o inimigo. Tratemos de organizar o exercito de Mato-Grosso, o que devêr ter sido o nosso primeiro cuidado ; e sem fazer a paz, como quem abandona uma empreza mal delineada, reservando-se o direito de renovar-a mais tarde com successo, fariamos uma pausa ao menos nas calamidades do presente.

Fôra indigno de certo celebrar a paz com o Paraguay ; nem ha brasileiro que soffra a só idéa de semelhante baixeza. Não é indecoroso porém abandonar esse povo infeliz á tyrannia de Lopez na qual persiste ; e reconhecer o imperio a impossibilidade de penetrar agora no antro do despota.

O maior capitão da antiguidade, Alexandre, não conseguiu abater a resistencia de um povo barbaro, os Scythas, e porisso não ficou mareada a sua gloria, a que a providencia havia assignado mais altos destinos do que o desbarato de algumas hordas selvagens.

Roma, já orgulhosa republica, derrotada pelos Samnitas, curtiu a vergonha de ver passarem seus exercitos pelas forças caudinas. Mais tarde, poderoso imperio, duas vezes tentou invadir a Parthia, e duas vezes forão destroçados seus numerosos exercitos.

Em 1498 o imperador Maximiano I, então o maior soberano da Europa, sentio quanto o sentimento da independencia fortalece um pequeno povo. Oito vezes batido em oito mezes pela Suissa, foi coagido a desistir da projectada conquista.

Inglaterra não penetrou no coração da India de um jacto. Foi depois de uma lula porfiada, a preço de muito sangue, que ella fundou sua dominação asiatica. Tambem a França teve de supportar enormes sacrificios e successivas derrotas, antes de conquistar sua colonia de Algeria.

O poder colossal da Russia por longo tempo se quebrou ante a coragem incalculavel dos Cossacos. Desde 1839 até nossos dias o intrepido Schamyl zombou dos exercitos aguerridos do autocrata.

Ultimamente França, a Pallas armada da Europa, retirou suas forças do Mexico sem haver conseguido a completa submissão do paiz. Não foi ao infeliz Maximiliano, mas a Napoleão III, que Juarez destituiu do solio mexicano.

E dirá alguém que Roma, Allemanha, Russia, Inglaterra e França ficarão deshonradas perante a posteridade, porque recuarão ante a impossibilidade, afim de recolher as forças e superar de um impulso os obstaculos naturaes ?

Os remoinhos e as barrancas do Paraguay valem sem duvida o desfiladeiros de Clusio, as geleiras da Suissa, o clima deleterio da India, as estepes da Africa, e os despenhadeiros do Caucaso.

Ha estadistas, senhor, que adejam pelas alturas e se prendem com os insectos ás teias de aranha. A estes parecerá sem duvida um cousa inaudita e espantosa essa suspensão de uma guerra, sem a formulas consagradas pelos estylos, sem o conveniente apparatus da diplomacia, tão funesto ao paiz.

Bem comprehendéis, senhor, que não devemos sacrificar a dignidad nacional por taes filigranas de ouro falso. Ainda quando a Europa mesmo nos tempos modernos, não houvesse dado o exemplo de cessação das relações internacionaes entre nações inimigas, podiamos nós admittil-o ; nós que não reconhecemos nenhum equilibrio americano e não consagramos portanto o principio da intervenção.

Mas não creio que o Brasil tenha chegado a um tal estado de inação, para suspender a guerra e deixar impune o Paraguay ; o que se observa é sómente prostração e torpor ; é abatimento causado pe obsessão d'este gabinete, que suffoca a nação, como um pesadelo horrivel.

Retire-se esta oppressão, e o paiz ha de recuperar as forças inerte os brios abatidos. O imperio será outra vez o Brasil da independenci o Brasil de 1851.

Um novo gabinete, composto de boas intelligencias, e sobretudo de corações de lei, é a unica salvação possivel para a honra nacional compromellida no Paraguay, e para as instituições patrias, ameaçadas aqui, no seio mesmo do paiz. Um novo gabinete, rico de energia, se o cravo da revolução, o freio da anarchia.

Apressai-vos, senhor, a bridar o monstro que avança. Escolhei home capaz de o domar ; senão é inevitavel a devastação do imperio. Iluc vos, se pensaes que teremos outro 42 ou 48. Infelizmente não ha ser o desespero de um partido que prorompa ; mas o desprezo formidavel de uma sociedade inteira.

O novo gabinete deve ser exclusivo em politica, filho de um só partido, e compacto em uma só vontade. O contubernio de opiniões diversas é uma prostituição como qualquer outra ; não será lastran mais a corrupção e envolvendo nella os homens ainda puros que ha de servir á causa nacional.

Se os estadistas brasileiros não podem salvar a patria senão por esse meio, eu respondo por ella, sem receio de ser desmentido : « Por preço não queremos a salvação. Venha então o terrivel baptismo que a Providencia nos ha de purificar da macula ; para que outra sejamos nação, pois agora quasi não temos direito a esse titulo ! »

E' preciso que o novo gabinete tenha bastante civismo para arrostar as difficuldades da guerra, se fôr necessaria a sua continuação; e affrontar com as odiosidades e prevenções da paz, caso se torne esta indeclinavel. O partido que trepida diante d'essa grave responsabilidade e carece de repartil-a com outros, não é partido, mas um acervo de ambições, que por bem do paiz conviria aniquilar.

O partido conservador está designado pela logica dos factos como o depositario da situação. Não tem a complicitade d'esta guerra; não o tolhem compromissos do passado. Entraria no poder com a imparcialidade do juiz.

Se o partido conservador recusar o sacrificio, serei o primeiro, senhor, a proclamar-o traidor á patria e a pedir a sua dissolução, como uma necessidade publica e uma justa punição.

Pese bem o imperador as circumstancias do paiz. O actual gabinete creou uma situação ambigua e indefinivel; a guerra, com todas as vergonhas da paz, porque não vencemos, nem mesmo combatemos; a paz com todos os encargos da guerra, porque o ouro jorra de continuo para o sul, de envolta com o soro do sangue brasileiro.

Rio, 23 de setembro.

ERASMO.







